

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 21 • 2014



Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2014

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Doutor Laure Salanova (CNRS, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Rui Morais (Universidade do Minho)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 21 • 2014 ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO - M. Fernandes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Grificamares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

VIRGÍNIA RAU. UMA MEDIEVALISTA NA PRÉ-HISTÓRIA

VIRGÍNIA RAU. A MEDIEVAL HISTORIAN IN THE PREHISTORY

Ana Ávila de Melo¹ & João Luís Cardoso²

Abstract

Professor Virgínia Rau was an eminent Portuguese medieval historian, and an international renowned researcher in economic and social history, themes that she approached during her lectures at Faculdade de Letras de Lisboa (Lisbon's Faculty of Letters) since the late forties of the 20th century until the end of her career as full professor and college's dean. However, during the middle and late forties of the 20th century she published a few papers on Prehistory and did some field work on Early and Middle Palaeolithic. Her interest on these themes and the reasons why she maintained this interest alive until the end of the 1940 decade and then abandoned it remain unstudied until today. In this article we intend to unveil this still unknown and mysterious aspect of Professor Virgínia Rau's brilliant career.

Keywords: History of Portuguese Archaeology, Prehistory; Paleolithic Virgínia Rau.

1 – UM PERCURSO ACADÉMICO DE EXCEÇÃO

Virgínia Robertes Rau nasceu em Lisboa, na freguesia dos Anjos, a 4 de Dezembro de 1907, filha de Luiz Rau Junior e Matilde Bivar de Paula Robertes Rau e faleceu nesta mesma cidade a 2 de Novembro de 1973 (Fig. 1). A sua vida, percurso académico e obra constituem, por si só, valioso objecto de estudo. Sendo mulher, e numa época em que poucas acediam ao ensino superior, Virgínia Rau licenciou-se em Ciências Históricas pela Faculdade de Letras de Lisboa em 23 de Julho de 1943, e doutorou-se em Ciências Históricas pela mesma instituição menos de 4 anos depois, a 4 de Fevereiro de 1947. Em 11 de Março de 1952 concluiu as provas públicas de concurso para Professora Extraordinária da 2.^a Secção, 4.^o Grupo (Ciências Históricas e Filosóficas) da Faculdade de Letras de Lisboa, sendo aprovada por unanimidade. Tomou posse do cargo a 9 de Abril de 1952, retomando as regências das cadeiras de História de Portugal e de História Medieval que já lhe tinham sido confiadas, a título excepcional, ainda enquanto segundo assistente.¹ Foi nomeada, por convite, Professora Catedrática da mesma Faculdade em 9 de Dezembro de 1952. Exerceu o cargo de “Secretário da Faculdade de Letras”,² de 4 de Dezembro de 1957

¹Mestre em Pré-História e Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Museu Nacional de Arqueologia. E-mail: anaavilamelo@gmail.com

²Universidade Aberta. Vice-Presidente da Academia Portuguesa da História. Academia das Ciências de Lisboa – Classe de Ciências. Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). E-mail: cardoso18@netvisao.pt

¹Veja-se a este respeito a Acta da segunda sessão de 25 de Janeiro de 1944 do Conselho Escolar da Faculdade de Letras.

²Em todos os registos consultados da época, a Prof. Virgínia Rau é sempre mencionada como “Secretário da Faculdade de Letras” o que indicia bem o quão pouco frequente era, à época, que tal cargo fosse desempenhado por uma mulher.

até 17 de Junho de 1959 e de Directora da mesma instituição de 23 de Novembro de 1964 até 11 de Março de 1969. À data da sua morte tinha 103 títulos publicados, alguns em coautoria, 16 resenhas feitas (RAU, 1968; GARCIA, 1981; PEREIRA, 1979) e integrava inúmeras associações científicas nacionais e estrangeiras, facto verdadeiramente invulgar na época e mesmo nos nossos dias. A sua projecção como historiadora foi ímpar, adjectivo que se aplica com igual justeza ao esquecimento – verdadeira *damnatio memoriae* – a que a sua obra e vida académica têm sido votadas... Outro tema interessante para futuros trabalhos.

Quem foi e o que se sabe da trajectória académica e científica de Virgínia Rau? A sua obra, essa, está publicada e disponível a quem a queira consultar, mas o seu percurso académico é manifestamente ignorado, mesmo na Faculdade onde ensinou durante um quarto de século, ficando no imaginário colectivo dessa escola apenas um “anedotário” e episódios picarescos os quais, na verdade, carecem de comprovação efectiva.³ Reflectindo bem, talvez esse apagar da memória não seja tão casuístico e inocente como se poderia pensar...

A 27 de Setembro de 1968, a pedido do Instituto de Alta Cultura,⁴ Virgínia Rau remeteu a esta instituição um *Curriculum Vitae*, dactilografado, de 45 páginas e que quase 50 anos volvidos, consegue surpreender quem o consulta pelo reconhecimento internacional que esta historiadora granjeou, numa época em que os contactos entre universitários se faziam – quando se faziam – sobretudo por carta...

Como ela própria menciona no seu *Curriculum Vitae*, “[...] em 1927, depois de ter concluído em menos de 3 anos o curso dos Liceus (Secção de Letras), e tendo terminado os respectivos exames no Liceu Camões a 12 de Outubro de 1925 e no Liceu Passos Manuel a 5 de Agosto de 1926 e 28 de Julho de 1927, matriculou-se na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, na Secção de Ciências Históricas e Geográficas. Por se ter ausentado de Portugal, na primavera de 1928, interrompeu o seu curso sem, todavia, ter abandonado o estudo, e aproveitou as estadias fora do País, nomeadamente em França e na Alemanha, para frequentar diversos cursos de férias ou para estrangeiros e iniciar investigações históricas em bibliotecas e arquivos. No verão de 1939 trabalhou na Biblioteca Nacional de Paris a fim de colher elementos para a elaboração de uma biografia de D. Catarina de Bragança, filha de D. João IV, sendo o seu labor cortado pela declaração de guerra [...]” (RAU, 1968, p. 1-2).

Ao restabelecer-se na cidade natal, Virgínia Rau reinscreveu-se na Faculdade de Letras de Lisboa, apresentando requerimento para mudança de Secção, neste caso para Ciências Históricas e Filosóficas, para retomar os seus estudos. Entre a primeira matrícula, em 1928, e o reingresso na Faculdade de Letras, passara uma década. A jovem de 19 anos que se matriculara na Secção de Ciências Históricas e Geográficas regressara com larga experiência de pesquisa em bibliotecas e arquivos e já com obra publicada – em 1939 publicou na



Fig. 1 – Virgínia Rau
(Arquivo da Academia Portuguesa da História).

³À primeira signatária, aluna do curso de História da FLUL no final da década de setenta do século passado, foram contados alguns desses episódios picarescos.

⁴Conforme ofício anexo ao *Curriculum Vitae* no processo individual da Prof. Virgínia Rau (Arquivo do Serviço de Pessoal da FLUL).

revista *O Instituto* um artigo intitulado “Egas Moniz”. Nessa mesma revista, em 1941, ainda aluna do curso de História da Faculdade de Letras de Lisboa, publicou um trabalho de 352 páginas intitulado “D. Catarina de Bragança, Rainha de Inglaterra”. Não é de estranhar que, com este labor e autonomia no domínio da investigação histórica, como ela própria escreve “[...] *no ano lectivo de 1941-1942 recebeu, como aluna da Faculdade de Letras, o prémio pecuniário oferecido a cada uma das Faculdades da Universidade de Lisboa pelo Rotary Clube de Lisboa para o aluno com melhor aproveitamento escolar nesse ano, por escolha e proposta do Conselho da sua Faculdade [...]*” (RAU, 1968, p. 2). A 23 de Julho de 1943 concluiu a licenciatura com a nota final de 16 valores, defendendo o trabalho intitulado “Subsídios para o Estudo das Feiras Medievais Portuguesas”, publicado nesse mesmo ano.⁵

Na reunião do Conselho Escolar de 15 de Outubro de 1943 consta da respectiva acta que “[...] *o Dr. Manuel Heleno propôs para 2.º Assistente do grupo de Ciências Históricas a licenciada Virgínia Rau, que completou o seu curso com altas classificações, sendo já autora de trabalhos valiosos. Além disso a referida senhora mostra uma notória aptidão para investigações no Arquivos o que muito convirá aproveitar. O Dr. Luís Schwalbach declara que tinha muito boas impressões sobre a candidata, sua antiga discípula. O Dr. Orlando Ribeiro confirmou as elogiosas referências do Dr. Manuel Heleno sobre a licenciada Virgínia Rau, especialmente quanto aos seus singulares dotes de investigação. O Dr. Matos Romão afirmou que o exame de licenciatura da sr.ª D. Virgínia Rau fora o mais completo a que tem assistido naquela classe de provas. A proposta do Dr. Manuel Heleno foi aprovada por unanimidade [...]*” (Livro de actas das sessões do Conselho, Tomo 7, fl. 47). A proposta data de 15 de Outubro e no posterior contrato pode-se ler que “[...] *aos vinte e três dias do mês de Novembro de mil novecentos e quarenta e três, no Gabinete da Direcção da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, estando presentes, de uma parte o Doutor José Joaquim de Oliveira Guimarães, Director da mesma Faculdade, como primeiro outorgante em nome do Governo Português e da outra parte a Licenciada Virgínia Robertes Rau, declarou o primeiro outorgante na minha presença e na das testemunhas abaixo assinadas que, após ter sido ouvido o Conselho Escolar desta Faculdade, contratava a dita Licenciada Virgínia Robertes Rau, nos termos do artigo décimo do Decreto número trinta e um mil seiscientos e cinquenta e oito, de vinte e um de Novembro de mil novecentos e quarenta e um, para desempenhar as funções de segundo assistente, competindo-lhe a regência de trabalhos práticos de Arqueologia, História dos Descobrimentos e da Colonização Portuguesa, Numismática e Esfragística e Epigrafia, as duas últimas semestrais, e cada uma com duas horas semestrais, no total, portanto de seis horas semanais, além de trabalhos práticos de investigação científica que lhe forem distribuídos. Este contrato foi autorizado por despacho de vinte do corrente mês e é feito pelo prazo de um ano [...]*” (Processo da Prof. Doutora Virgínia Robertes Rau. 1943. Cx. 223, 1.º). A sua nomeação foi publicada no *Diário do Governo*, II Série, n.º 287, de 10 de Dezembro.

No início de 1944, Vitorino Magalhães Godinho rescindiu o seu contrato como Assistente e, conforme consta da acta da reunião do Conselho Escolar de 25 de Janeiro de 1944 “[...] *tornando-se necessário proceder a uma nova distribuição dalgumas cadeiras do grupo de Ciências Históricas ficou resolvido entregar a regência de Epigrafia ao Dr. Manuel Heleno, de História da Antiguidade Oriental e Clássica ao licenciado Ferreira de Almeida e de História Medieval à licenciada Virgínia Rau [...]*” (Livro de actas das sessões do Conselho, Tomo 7, fl. 56). Mesmo com este acréscimo de trabalho no primeiro ano em que leccionava, Virgínia Rau entregou um primeiro requerimento, em 27 de Maio de 1944, a pedir que lhe fossem marcadas provas de doutoramento (Processo da Prof.ª Doutora Virgínia Robertes Rau. 1943. Cx. 223, 1.º). O seu início de carreira como assistente foi, desde logo, notado pelo Conselho Escolar, lendo-se na acta da Sessão de 25 de Abril de 1944 que

⁵Edição da Livraria Bertrand.

[...] *por proposta do Prof. Heleno, o Conselho encarregou a assistente encarregada da regência da cadeira da Secção de Ciências Históricas, Dona Virgínia Rau, de participar, por parte da Faculdade, nas comemorações da Semana do Ultramar Português promovidas pelo Ministério das Colónias, com uma conferencia sobre O Elemento Popular na Expansão Portuguesa [...]*” (*Livro de actas das sessões do Conselho*, Tomo 7, fl. 58).

Na acta da reunião de 19 de Outubro de 1944 consta o seguinte: “[...] *o Director lê [...] um officio da Sociedade de Geografia de Lisboa, a pedir a colaboração na semana das colónias. Ouvidos os professores de Geografia, tendo o Prof. Orlando Ribeiro, que actualmente rege a cadeira de Geografia Colonial, declarado que não prestará a colaboração pedida, o Prof. Heleno lembra a assistente L.^{da} D.^a Virgínia Rau como estando em condições de a prestar [...]*” (*Livro de actas das sessões do Conselho*, Tomo 7, fl. 67). Nessa mesma sessão, pode ler-se ainda que foi “[...] *presente um officio do Instituto para a Alta Cultura comunicando que o Sindicato Espanhol Universitário se propõe traduzir e publicar as dissertações universitárias portuguesas de maior relêvo. O conselho resolveu, sob proposta dos catedráticos dos grupos respectivos, propor para esse efeito as dissertações: do Doutor António José Saraiva sobre Gil Vicente; do Licenciado Moreira de Sá sobre Percursos de Descartes; e da Licenciada D. Virgínia Rau sobre As Feiras Medievais Portuguesas [...]*” (*Livro de actas das sessões do Conselho*, Tomo 7, fl. 67). Era inegável a confiança do Conselho Escolar nas capacidades da assistente Virgínia Rau e, conseqüentemente, a sobrecarga de trabalho que sobre ela recaía...

Ainda nesse ano de 1944, Virgínia Rau apresentou duas comunicações ao Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências realizado em Córdova, intituladas, respectivamente “Da originalidade do Paleolítico Inferior no Litoral Português” e “Uma tentativa de colonização da Serra Leôa no século XVII” (cf. RAU, 1968, p. 25). Ambos os trabalhos foram depois publicados.

A 15 de Junho de 1945 entregou segundo requerimento a solicitar a marcação de provas de doutoramento, tendo depositado na Secretaria da Faculdade, a 13 de Maio de 1946, trinta exemplares da sua Tese intitulada “Sesmarias Medievais Portuguesas” (*Processo da Prof.^a Doutora Virgínia Robertes Rau*. 1943. Cx. 223, 1.^o). Em sessão do Conselho Escolar de 21 de Maio de 1946, conforme se lê na respectiva acta “[...] *a candidata D. Virginia Rau apresentou um trabalho sobre Sesmarias Medievais Portuguesas que, mediante parecer escrito do Prof. Manuel Heleno, foi considerada admitida [...]*” (*Livro de actas das sessões do Conselho*, Tomo 7, fl. 86). As respectivas provas foram marcadas para dias 29 e 30 de Janeiro e dia 3 de Fevereiro de 1947, conforme cópia do edital arquivado no processo individual da Professora Virgínia Rau (*Processo da Prof. Doutora Virgínia Robertes Rau*. 1943. Cx. 223, 1.^o), tendo obtido a 4 de Fevereiro de 1947 o grau de Doutora em Ciências Históricas, aprovada com distinção por unanimidade (18 valores), mas recusando de imediato a sua contratação como Primeiro-assistente para se dedicar à investigação (RAU, 1968, p. 10). Tal facto foi abordado, com preocupação, na reunião do Conselho Escolar de 26 de Fevereiro de 1947, constando da acta que “[...] *o Sr. Presidente chamou a atenção do Conselho para o facto de se acharem fechadas as cadeiras de História de Portugal e de Arqueologia, e o curso de Epigrafia, em virtude da excessiva acumulação de serviço do pessoal docente, da licença do Prof. Heleno e da desistência declarada pela Dr.^a Virgínia Rau de ser reconduzida como assistente. Resolveu-se convocar um conselho especial para o caso, com a presença do Prof. Heleno [...]*” (*Livro de actas das sessões do Conselho*, Tomo 7, fl. 98).

Nos anos de 1947 a 1951, em que esteve afastada da docência, dedicando-se exclusivamente à investigação, a actividade científica de Virgínia Rau é extraordinária. Foi também um período em que iniciou a sua projecção internacional, aspecto marcante na sua carreira e que atingiu um patamar que poucos historiadores portugueses alcançaram, mesmo na era da globalização em que os contactos internacionais são uma prática quotidiana entre os investigadores.

No seu *Curriculum Vitae*, informa que “[...] em Janeiro de 1948, foi encarregada pelo Presidente do Tribunal de Contas, Dr. Artur Águedo de Oliveira, de elaborar uma monografia histórica sobre a Casa dos Contos até à criação do Erário Régio, integrada no Centenário do Tribunal de Contas, trabalho que ultimou e entregou para o prelo em Dezembro de 1948 [...]” (RAU, 1968, p. 18). A obra, de 528 páginas, foi editada em 1951 e, ainda hoje, constitui o estudo de referência sobre esta instituição.⁶

Ainda nesse mês de Dezembro de 1948, aproveitou a passagem por Lisboa do Prof. Ch. Verlinden, da Universidade de Gante, para estabelecer “[...] futura colaboração com esse historiador para o estudo e publicação da documentação luso-belga da antiga Feitoria Portuguesa da Flandres [...]” (RAU, 1968, p. 19).

Os anos de 1948 e 1949 foram marcados por intenso trabalho de investigação e pesquisa em Arquivos e Bibliotecas estrangeiras, em Madrid e Paris. E também nesse período que, “[...] desde Fevereiro de 1948 até Dezembro de 1949, obteve uma bolsa de estudo no País, do Instituto de Alta Cultura, como colaboradora do Centro de Estudos Geográficos, anexo à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (por despachos de 16/4/1948 e 11/2/1949 [...])” (RAU, 1968, p. 18). Esta ligação ao Centro de Estudos Geográficos remete para o início da sua carreira como estudante de Ciências Históricas e Geográficas da Faculdade de Letras, em 1928, e não pode ser dissociada da sua participação activa no Congresso Internacional de Geografia. Como refere, “[...] fez parte da Comissão Organizadora Nacional do XVI Congresso Internacional de Geografia, realizado em Lisboa, em Abril de 1949, cabendo-lhe a preparação da parte da Geografia Humana e a direcção da Excursão D, em colaboração com o Dr. G. Zbyszewsky [...]” (*Diário do Governo*, II Série, n.º 102, de 5 de Maio de 1947) (RAU, 1968, p. 19). Dessa colaboração resultou a monografia *Estremadura et Ribatejo (Livret-Guide de L'excursion D)*, editada pela Union Géographique Internationale em 1949, tendo igualmente apresentado uma comunicação intitulada “La toponyme et le peuplement du Portugal aux temps préhistoriques”, trabalho publicado no *Compte Rendu du XVI^e Congrès International de Géographie de Lisbonne*, 1949.

Na sequência da sua participação no Congresso Internacional de Geografia, e como ela própria refere “[...] por iniciativa de alguns membros da Delegação dos Estados Unidos da América do Norte ao XVI Congresso Internacional de Geografia, foi proposta e admitida em 1950 como membro da Society of Woman Geographers, sendo até hoje a única senhora portuguesa que faz parte dessa Associação [...]” (RAU, 1968, p. 25), estabelecendo, assim, em sólidos alicerces, os laços e a cooperação com aquele país ao longo do seu percurso académico.

O ano de 1950, “o ano americano” se assim se pode qualificar, é fundamental na carreira de Virgínia Rau. Em Agosto e Setembro, por convite da Universidade da Califórnia em Berkeley, regeu dois cursos de História de Portugal e de História da Expansão Portuguesa, respectivamente (RAU, 1968, p. 10). Em Outubro de 1950, como membro da Delegação Portuguesa ao I Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em Washington, “[...] apresentou uma das chamadas comunicações fundamentais da Secção de Elementos de Investigação, intitulada: Arquivos de Portugal: Lisboa. [...] Na secção de História do mesmo Colóquio de Washington, foi-lhe distribuída a tarefa de Relatora. [...] Com os outros membros da Delegação Portuguesa ao Colóquio de Washington, visitou a Nova Inglaterra e assistiu às conferências e festividades que se realizaram em New Bedford. Acompanhada pelo Doutor A. de Medeiros-Gouvêa, Secretário do Instituto de Alta Cultura, visitou Fall River, em 29 de Outubro, e fez no Liceu dessa cidade uma conferência subordinada ao tema A mulher na história de Portugal, seguida de um resumo em inglês [...]” (RAU, 1968, p. 26), temática pouco vulgar na época e que, entre nós, só muito recentemente tem suscitado o interesse de alguns investigadores.

⁶ Em 2009, foi reeditada pela INCM, numa reedição de 1951 e 1959 comemorativa do 160.º aniversário do Tribunal de Contas e do 620.º aniversário da instituição que lhe esteve na origem, a Casa dos Contos.

A sua estada nos Estados Unidos, nesse ano de 1950, tem ainda outro ponto alto, quando “[...] *por convite do Dr. Luther Evans, Director da Biblioteca do Congresso, em Washington, E.U.A., trabalhou durante os meses de Setembro e Outubro de 1950 nessa Biblioteca como Consultora de Estudos Portugueses [...]*” (RAU, 1968, p. 19). A 27 de Novembro de 1950, o mesmo Dr. Evans escreveu-lhe uma carta em termos muito elogiosos e onde se pode ler “[...] *writing to let you know how grateful we in the Library of Congress are for your work as Consultant in Portuguese Studies. Dr. Hanke and his colleagues in the Hispanic Foundation feel that the Colloquium would be entirely justified if its only result was to bring you to Washington to serve as consultant. All of us who are familiar with the intelligence and devotion you put into all of your work during your stay with us have the same feeling. We want to keep in touch with you in the future, and I am therefore arranging for the Information Bulletin to be sent to you regularly. If you note any Library of Congress publications announced there which you would like to have for your own use, please let me know and we will be glad to try to send them to you. Also if you have any suggestions in the future for ways and means by which we can improve our collections and services in the field of Portuguese studies. I hope that you will feel free to let us know.*” (Processo Individual, Arquivo da Academia Portuguesa da História) (Fig. 2).

Como Virginia Rau refere no seu *Curriculum Vitae* “[...] *durante a sua estadia nos Estados Unidos da América do Norte, de Julho a Novembro de 1950, trabalhou assiduamente em várias bibliotecas e estabeleceu relações pessoais e profissionais com professores, investigadores, bibliotecários e arquivistas das Universidades e Bibliotecas de Harvard, Chicago, de Northwestern, de Berkeley (Califórnia) de Brancroft, do Congresso, etc. [...]*” (RAU, 1968, p. 7). Assim ficaram lançadas as bases para os futuros contactos que iria manter com os Estados Unidos ao longo da sua carreira.

Em 1951, já membro correspondente da Hispanic Society of America “[...] *fornecendo esclarecimentos sobre bibliografia e assuntos portugueses, foi convidada a encarregar-se, a partir de Janeiro de 1953, e até Janeiro de 1957, da secção de bibliografia e recensão crítica das publicações portuguesas na revista The Hispanic American Historical Review (Associate Editor for Portugal) [...]*” (RAU, 1968, p. 7-8).

Ainda antes de retomar as suas funções docentes na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, “[...] *em Abril de 1951, por convite da Universidade de Londres, fez duas conferencias no King's College, cujos temas foram The English marriage of Catarina de Bragança – A good bargain and an amazing paradox e The Port-Wine Trade with England during the Eighteenth Century [...]*” (RAU, 1968, p. 10-11).

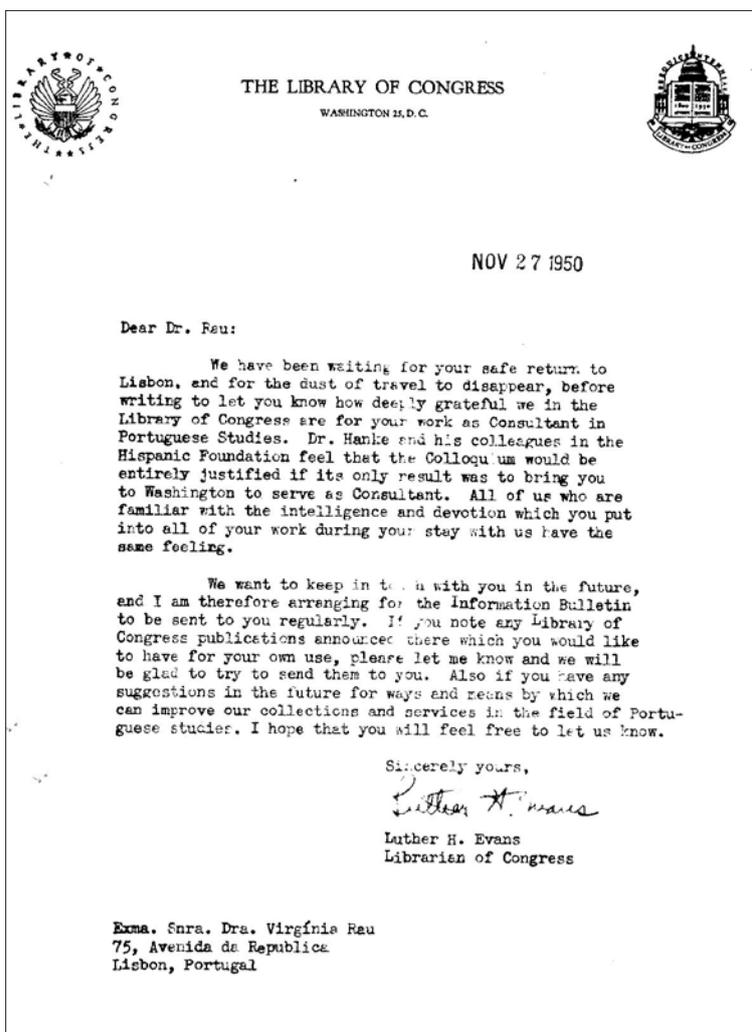


Fig. 2 – Carta de L. Evans, Director da Biblioteca do Congresso a V. Rau (Arquivo da Academia Portuguesa da História).

O ano de 1952 marca o seu regresso à docência na Faculdade de Letras: “[...] em 11 de Março de 1952, ultimou as provas de concurso para Professora Extraordinária da 2.ª Secção, 4.º Grupo (Ciências Históricas), da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sendo aprovada por unanimidade[...]” (RAU, 1968, p. 2). A 22 de Março de 1952 apresentou requerimento ao Ministro da Educação Nacional a solicitar que lhe fosse concedido o título de Professor Agregado, que lhe é conferido por portaria de 26 de Março de 1952. Em 8 de Abril de 1952 é nomeada Professora Extraordinária. Enfim, a proposta para a sua nomeação como Professora Catedrática é apresentada em reunião do Conselho Escolar de 26 de Novembro de 1952, sendo

proponentes A. A. Rodrigues, Director da Faculdade, Manuel Heleno e Orlando Ribeiro, a qual foi aprovada por unanimidade. A fundamentação da proposta pode ler-se integralmente na acta da referida sessão; nela se declara que “[...] a Professora Virgínia Rau fez ao mesmo tempo uma carreira docente e científica, submetendo-se a provas de doutoramento e concurso publicando livros e opúsculos que a colocam em lugar de relevo entre os historiadores portugueses. Conhecendo perfeitamente a organização dos nossos arquivos, tem recorrido em todos os seus trabalhos, principalmente, à documentação inédita; não se limitou, porém, a publicar documentos ou cerzir em volta deles comentários eruditos. Os seus estudos não são apenas notáveis pela amplitude das fontes consultadas, revelam também uma solidez de construção e uma concepção de conjunto derivada da percepção dos problemas que só uma vasta cultura histórica pode sustentar [...]”. Os termos da proposta não podiam ser mais elogiosos e a sua nomeação como Professora Catedrática é publicada no *Diário do Governo*, II Série, n.º 294, de 9 de Dezembro, tomando posse a 16 de Dezembro de 1952.

É também nesse ano de 1952, a 18 de Junho, que foi admitida na Academia Portuguesa da História como Académica Correspondente⁷ (Fig. 3) por proposta assinada por Marcelo Caetano, assim apresentada: “[...] a Senhora D. Virgínia Rau é Doutora em Ciências Históricas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em cujo corpo docente ingressou, já no corrente ano, após concurso de provas públicas, na categoria de Professora Extraordinária. A sua bibliografia é bastante extensa, compreendendo mais de duas dezenas de estudos, relativos especialmente a Pré-História, à Idade Média e ao Século XVII [...]”.

Após uma apresentação das obras de Virgínia Rau que considera mais relevantes, conclui, dizendo que “[...] trabalho revelador dessa mestria, pela rapidez da concepção e da elaboração e pelo magnífico processo de desenvolvimento do tema [...] é o livro sobre a Casa dos Contos. Ele só bastaria para justificar a entrada da Sr.ª D. Virgínia Rau para esta Academia onde o seu já vasto conhecimento dos problemas da História portuguesa,

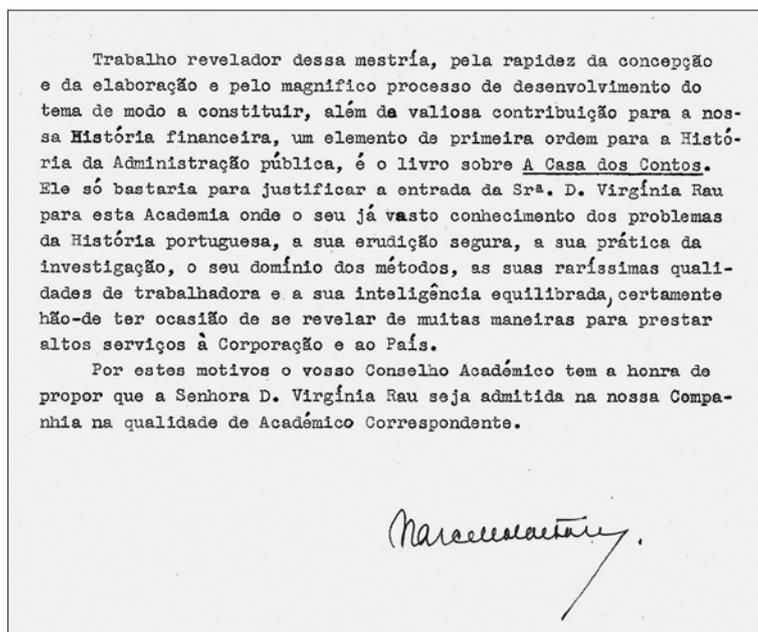


Fig. 3 – Última página da proposta de eleição de Virgínia Rau como académica correspondente da Academia Portuguesa da História, assinada por Marcelo Caetano (Arquivo da Academia Portuguesa da História).

⁷ Passou a académica de número em 11 de Julho de 1955, ocupando a vaga do Eng. Joaquim Bensaúde.

a sua erudição segura, a sua prática de investigação, o seu domínio dos métodos, as suas raríssimas qualidades de trabalhadora e a sua inteligência equilibrada, certamente hão-de ter ocasião de se revelar de muitas maneiras para prestar altos serviços à Corporação e ao País [...]” (CAETANO, 1952).

Ainda em 1952, por portaria de 30 de Junho, publicada no *Diário do Governo*, II Série, n.º 160, de 8 de Julho de 1952, foi nomeada colaboradora do Centro de Estudos Económicos, do Instituto Nacional de Estatística (RAU, 1968, p. 20) e, em 1956, vogal do Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, por portaria de 30 de Janeiro de 1956 (RAU, 1968, p. 21). Estas duas nomeações dão o mote para o desenvolvimento e orientação da sua investigação futura, muito focada na História Económica, na História dos Descobrimentos e na História Naval e da Economia Marítima.

Com créditos firmados e uma posição institucional de destaque na Faculdade onde estudou e iniciou a sua carreira, a partir de 1952, não é de estranhar que os convites e nomeações para diversos cargos tenham surgido rapidamente, mantendo-se constantes ao longo da sua carreira. Sem preocupação de exaustividade, até por ser informação disponível no processo da Prof. Virgínia Rau, destaca-se, para além dos já mencionados cargos de “Secretário” (portaria de 24 de Janeiro de 1957) e de Directora da Faculdade de Letras (*Diário do Governo*, II Série, n.º 275, de 23 de Novembro de 1964), a sua nomeação como vogal da 4.ª Secção (Ensino Superior) da Junta Nacional da Educação, logo em 5 de Agosto de 1955.

Como ela própria declarou, “[...] dirige o Centro de Estudos Históricos do Instituto de Alta Cultura, anexo à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, desde a sua criação em Janeiro de 1958 [...]” (RAU, 1968, p. 5), marcando desta forma, e de forma incontornável, até finais da década de sessenta do século passado, a investigação histórica naquela instituição. No quadro da investigação assumida na referida Faculdade, são ainda de salientar as suas nomeações para Directora do Instituto de Arqueologia (*Diário do Govern*, II Série, n.º 54, de 5 de Março de 1966), do Instituto Histórico Fernão Lopes (*Diário do Governo*, II Série, n.º 57, de 9 de Março de 1966) e do Instituto Histórico Infante D. Henrique (*Diário do Governo*, II Série, n.º 57, de 9 de Março de 1966), todos eles anexos à Faculdade de Letras de Lisboa. É ainda nomeada vogal, a 12 de Novembro de 1966, pelo Ministro da Educação Nacional, do Conselho Superior do Instituto de Alta Cultura, ocupando a vaga do Prof. Mário Tavares Chicó (*Processo da Prof. Doutora Virgínia Robertes Rau*. 1943. Cx. 223, 1.º).

Estabeleceu uma sólida rede de contactos internacionais com os mais reputados investigadores no domínio da História Económica, e da História Marítima, fruto das relações pessoais que foi construindo ao longo de anos, tanto com aqueles por ela acolhidos, como também com os que contactou no decurso das suas missões no estrangeiro. Teve assim “oportunidade de prestar esclarecimentos e ajudar alguns investigadores estrangeiros que têm visitado Portugal, como os Profs. Francis M. Rogers, Charles R. Boxer, Lewis Hanke, Stanley Stein, H. Fisher, Engel Sluiter, Bailey W. Diffie, Gwendolin B. Cobb, Margaret Mitchell, Michel Mollat, Charles Verlinden, José Honório Rodrigues, José António Gonçalves de Melo Neto, e outros” (RAU, 1968, p. 8). Neste contexto, os convites internacionais, para proferir conferências, participar em colóquios, congressos, seminários e reuniões científicas chegavam constantemente. Assim, a convite do Vice-Chanceler da Universidade de Witwatersrand, Johannesburgo, foi convidada por carta de 6 de Outubro de 1953 a ocupar a recém-criada cátedra de Estudos Portugueses, convite que declinou por motivos de ordem académica e pessoal (RAU, 1968, p. 11). Mais tarde, em Dezembro de 1958, declinaria igualmente a cátedra de História das Instituições ibéricas, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Brasil, convite que lhe tinha sido endereçado pelo Prof. Eduardo de Oliveira França.

Se os convites para leccionar em Universidades estrangeiras de prestígio não tiveram continuidade, já o mesmo não aconteceu relativamente à alocação de conferências, participação em Congressos, Colóquios e Reuniões Científicas internacionais, ao mais alto nível. Logo em Março de 1953, a convite da Universidade de

Aberdeen, Escócia e no “[...] âmbito do acordo de intercâmbio cultural entre Portugal e a Inglaterra, proferiu três conferências nas Universidades de Aberdeen e Glasgow e tomou parte em várias discussões e seminários sobre assuntos portugueses. Os temas das conferências proferidas foram: The Port-Wine trade with Great-Britain and the Methuen Treaty; “Portugal: Land of Contrasts; Portuguese Discoveries and Colonization [...]” (RAU, 1968, p. 11-12). Como ela própria refere, aproveitou essa estada em Inglaterra para proceder a diversas investigações no British Museum e no Public Record Office. Em Julho de 1954, “[...] integrada na Delegação Portuguesa, tomou parte no Congresso Histórico comemorativo do Tricentenário da Restauração Pernambucana [...]” (RAU, 1968, p. 26). Segue-se, de 4 a 11 de Setembro de 1955, o X Congresso Internacional de Ciências Históricas, realizado em Roma e onde, como representante de Portugal, “[...] usou da palavra na III Secção, sobre L'économie européenne aux derniers siècle du Moyen-Âge intervindo nos debates de forma a esclarecer a posição económica de Portugal no Ocidente europeu durante os séculos XIV e XV, e a rebater a nova teoria, exposta modernamente, das origens medievais e italianas da expansão portuguesa (resumo dessa intervenção publicada em Atti del X Congresso Internazionale – Roma 4-11 de Settembre 1955, p. 398) [...]” (RAU, 1968, p. 27).

Muitas vezes, durante as suas deslocações ao estrangeiro, aproveitava para prosseguir com as suas pesquisas documentais em Bibliotecas e Arquivos. Foi o que sucedeu em Abril de 1956, quando proferiu duas conferências na Universidade de Leiden, no âmbito do acordo de intercâmbio cultural entre Portugal e os Países Baixos; “[...] os temas tratados foram: The Portuguese Salt Trade with the Netherlands until the XVIIIth Century; “Portugal – The Land and the People[...]” (RAU, 1968, p. 12). Ao mesmo tempo, “[...] fez pesquisas no Arquivo Municipal de Amsterdão e no Arquivo de Estado, na Haia, conseguindo reunir elementos do maior interesse para o estudo das relações entre Portugal e a Holanda durante o século XVII [...]” (RAU, 1968, p. 21).

Se 1950 fora “o ano americano”, 1956 pode ser considerado indubitavelmente o “ano francês”, crucial para a estreita colaboração que irá manter com alguns dos nomes mais proeminentes da historiografia europeia da época. “[...] Por convite da Direcção das Relações Culturais do Ministério dos Negócios Estrangeiros de França e das Universidades de Lila, Tolosa e Bordéus, em Novembro de 1956 proferiu, respectivamente na Sorbonne e nas outras três Universidades francesas, quatro conferências subordinadas aos temas: a) La société portugaise au XVII^e. et XVIII^e. siècles; b) Une famille de marchands italiens au XV^e. siècle: les Lomellini; c) Problèmes de l'étude du mouvement des ports portugais au XVII^e. et XVIII^e. siècles; d) Problèmes de l'histoire du sel portugais. Esta última conferência, tanto na Sorbonne (École Pratique d'Hautes Études) como na Universidade de Lila e na Association Marc Bloch de Toulouse, revestiu, no final, a forma de trabalho de seminário, em que intervieram os Profs. Ernest Labrousse, Émile Coornaert, Pierre Chaunu, Michel Mollat, P. Trenard, Ph. Wolff, F. Mauro, e outros [...]” (RAU, 1968, p. 12-13).

Não é, pois, de estranhar que, na sequência desta sua estada em França e das conferências que proferiu, tenha recebido vários convites de investigadores e instituições francesas. É de salientar o dos Profs. M.M. Postan e F. Braudel⁸ que a convidaram para participar, como representante universitária portuguesa, na reunião da Comissão Provisória de História Económica, realizada em Paris, em 13 de Março de 1959, destinada a preparar as contribuições dos diversos países a apresentar na Conferência Internacional de História Económica a ter lugar em Estocolmo entre 17 e 19 de Agosto de 1960: “[...] Solicitada pelo presidente da referida Comissão, encarregou-se de apresentar em tal conferência um relatório sobre Large-Scale Agricultural Enterprise in Post-Medieval Portugal [...]” (RAU, 1968, p. 28). Os convites de colegas franceses, nesse ano

⁸O seu relacionamento, *inter pares*, com historiadores da envergadura de Pierre Chaunu, M. Mollat, F. Mauro, F. Braudel, M.M Postan, Ch. Verlinden, etc. revela bem a dimensão do reconhecimento que Virgínia Rau e a sua obra tiveram além fronteiras.

de 1959, não se limitaram à reunião de Paris. Em Janeiro de 1959 tinha já sido convidada oficialmente pelo Director do “Centre National de la Recherche Scientifique” a participar no IV Colóquio Internacional sobre “Les Sources de l’Histoire du Navire et de l’Economie Maritime en Europe” que se iria realizar em Paris de 20 a 23 de Maio desse ano; mas, “[...] *não tendo podido comparecer, enviou, no entanto, uma comunicação subordinada ao seguinte tema: Sources pour l’étude de l’Economie maritime Portugaise. Por decisão dos participantes nesse Colóquio, foi designada para fazer parte dum Groupe International de Travail d’Histoire Maritime, ligado à Comissão de História Económica, e de que também fizeram parte os Profs. Michel Mollat, Ch. Verlinden, e os Snrs. Silvio Zavala, Paul Adam, do Ministério da Marinha Mercante de França [...]*” (RAU, 1968, p. 28-29).

Segue-se, em Setembro de 1957, a participação na Comissão Organizadora do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, que teve lugar em Lisboa, e onde “[...] *interveio nos debates da Secção V (A Sociedade, a Política e a Economia) [...]*” (RAU, 1968, p. 27).

O seu interesse pela História Marítima consolida-se ainda nesse ano de 1959, ao constituir e presidir a um grupo de pesquisa com a participação de investigadores portugueses e brasileiros, destinado a “[...] *reunir e estudar os materiais referentes aos movimentos dos portos de Portugal continental, insular e ultramarino. A pesquisa planeada irá do século XII ao século XIX e procurará integrar o movimento portuário português, tanto no conjunto histórico nacional, como no quadro internacional [...]*” (RAU, 1968, p. 8-9). O arrojo da temática e objectivos deste projecto internacional que ela própria enunciou no seu *Curriculum Vitae*, surpreendem pela modernidade da abordagem proposta – neste seu enunciado antevê-se a criação de um *corpus* documental, verdadeira base de dados, que permite o estudo do movimento portuário e a economia marítima dos principais portos nas suas diversas conjunturas numa longa diacronia.

Em 1959 “*apresentou duas comunicações ao IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros (Salvador-Baía, Agosto de 1959), intituladas: Fortunas ultramarinas e a nobreza portuguesa no século XVII; e Para o estudo da sociedade portuguesa no século XVII: os registos paroquiais (em colaboração com Maria de Lurdes Akola Neto Meira do Carmo) [...]*” (RAU, 1968, p. 29).

Ainda em 1959, por recomendação do Prof. M. M. Postan foi convidada pelo “Faculty Board of History” da Universidade de Cambridge, “[...] *a proferir em 13 de Maio de 1959, uma conferência na Universidade de Cambridge sobre Portuguese Society in the 17th Century e a realizar trabalhos de seminário sobre temas de História de Portugal [...]*” (RAU, 1968, p. 13). Por razões pessoais, a missão teve de ser adiada para o ano seguinte, em que “[...] *proferiu a referida conferência em 5/5/1960 na Universidade de Cambridge, onde permaneceu de 2 a 7 de Maio procedendo também a investigações no Andresen Room (Secção de Manuscritos) da Biblioteca da Universidade de Cambridge e estabelecendo contactos pessoais e profissionais com os professores de História dessa Universidade inglesa, bem como planos de colaboração entre a Secção de História dessa Universidade inglesa e a congénere da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Teve o prazer de ver presentes na referida conferência, ou intervirem nos debates que se lhe seguiram, os Profs. M. M. Postan, E. E. Rich, E. M. Wilson, Drs. J. Lindsay, D. M. Joslin, e outros [...]*” (RAU, 1968, p. 14). Segue-se depois a Universidade de Oxford onde, no dia 9 de Maio de 1960, a convite do Prof. R. M. Hartwell, em nome do “Oxford Economic History Group” fez uma conferência subordinada ao tema: “The Growth of Portuguese Medieval Trade”. “[...] *Estiveram presentes e entrevistaram nos debates que se seguiram a essa conferência, além do Prof. Hartwell, os Profs. H. Trevor-Roper, Peter Russell, H. J. Habakkuh, e outros [...]*” (RAU, 1968, p. 34).

O ano de 1960 foi marcado pelas comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique: de 5 a 11 de Setembro desse ano realizou-se em Lisboa o “Congresso Internacional de História dos Descobrimentos”, no qual Virgínia Rau foi uma presença marcante. Conforme declara “[...] *foi nomeada delegada da Universidade da Califórnia (U.S.A.) para representar essa Universidade americana no Congresso Internacional de História*

dos Descobrimentos, que se realizou em Lisboa de 5 a 11 de Setembro de 1960 por ocasião das celebrações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique [...] (RAU, 1963, p. 4). O labor desenvolvido anteriormente naquela Universidade e o apreço que colheira entre os seus colegas americanos explicam a invulgar “delegação de competências” que a prestigiada universidade americana agora lhe concedia. É também como consequência do Congresso Internacional de História dos Descobrimentos que, por despacho de 20 de Fevereiro de 1961, lhe foi concedida a medalha naval comemorativa do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique.

Nesse mesmo ano de 1960, de 14 a 16 de Setembro realizou-se em Lisboa o V Colóquio Internacional de História do Navio e da Economia Marítima durante o qual “[...] *foi eleita por aclamação vice-presidente da Commission Internationale d’Histoire Maritime, comissão interna do Comité International des Sciences Historiques [...]* (RAU, 1968, p. 22).

Apesar da sua importante participação nas Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, em 1960, e da realização em Lisboa dos dois Colóquios internacionais, atrás mencionados, nos quais a sua presença e intervenções foram marcantes, em Agosto de 1960 deslocou-se à Dinamarca para proceder a investigações no Rigsarkivet de Copenhague (Dinamarca) e obter microfímes da documentação da Tyske Kancelli Udenrigske Afdeling, referente a Portugal (1546-1770), para ulterior publicação (RAU, 1968, p. 9).

Em 1961 regressaria à Universidade de Oxford, para proferir a “Philip Maurice Daneke Memorial Lecture”, no Lady Margaret Hall intitulada “Portuguese Agrarian Life in the Middle Ages”. Segundo as suas palavras “[...] *nesta conferência que teve lugar no dia 3 de Março desse ano, foi apresentada pelo Prof. Trevor-Roper [...]*” (RAU, 1968, p. 15), distinção significativa, que muito provavelmente resultou do contacto havido no ano anterior, em 9 de Maio de 1960, quando este eminente historiador inglês assistiu à conferência que proferiu, na Universidade de Oxford, a convite do Prof. R. M. Hartwell.

O ano de 1961 marca a sua estreia como conferencista numa universidade italiana tendo, no mês de Maio, proferido na “[...] *Facoltà Di Economia e Commercio da Universidade de Pisa (Itália) por convite do Director dessa Faculdade e do Prof. Federico Melis, titular da cadeira de História Económica, duas conferencias sobre: Un grande mercante-banchiere italiano in Portogallo: Luca Giraldis; Gli Italiani e lo zucchero di Madera nel XV secolo [...]*” (RAU, 1968, p. 15). Aproveitando a sua estadia em Itália, em Maio de 1961, “[...] *levou a efeito investigações no Arquivo do Hospital dos Inocentes, em Florença, no fundo “Cambini” em assuntos referentes às relações entre Portugal e a Itália durante o século XV [...]*” (RAU, 1968, p. 9).

De Itália, nesse ano de 1961, chega-lhe importante reconhecimento quando, por Decreto assinado em Roma em 2 de Julho de 1961, e por proposta do Presidente do Conselho de Ministros da República Italiana, o Prof. Amintore Fanfani – ele próprio ilustre historiador –, foi agraciada com a ordem “Al Merito della Repubblica Italiana”, grau de Comendador (RAU, 1968, p. 5).

Naquele País, participou no VI Colóquio Internacional de História Marítima (2.^a secção), que se realizou em Veneza de 20 a 24 de Setembro de 1962, tendo apresentado uma comunicação intitulada “Les Portugais et la route terrestre des Indes à la Méditerranée aux XVI^e et XVII^e siècles” (RAU, 1968, p. 31), ali regressando, em 1963, para tomar parte nos trabalhos e presidir a uma das sessões da XI Semana de Estudos organizada pelo “Centro italiano di Studi sull’Alto Medioevo”, que se realizou em Spoleto de 18 a 24 de Abril (RAU, 1968, p. 31-32).

A sua internacionalização prosseguiu a ritmo imparável. Em carta datada de 3 de Dezembro de 1962, o Prof. Fernand Braudel convidou-a a ser correspondente em Portugal da “Commission Internationale d’Histoire Economique”, começando a estabelecer, desde então, os primeiros contactos para constituir em Portugal uma Comissão Nacional de História Económica afiliada e trabalhando em colaboração com a internacional referida (RAU, 1968, p. 22-23). Na verdade, este convite mais não era que o corolário de anteriores contactos que

Virgínia Rau vinha mantendo com este eminente historiador francês e que remontavam à reunião de Paris, de 13 de Março de 1959.

O ano de 1963 foi marcado por vários convites para proferir conferências no estrangeiro. Logo no início de 1963, a 7 de Fevereiro, “[...] *a convite da Universidade de Pisa, fez parte dos professores estrangeiros que assistiram ao doutoramento “honoris causa” do Prof. Amintore Fanfani, Presidente do Conselho da República Italiana, pela Faculdade de Economia e Comércio da referida Universidade [...]*” (RAU, 1968, p. 15). Seguiu-se, em Maio desse mesmo ano, e no âmbito do acordo de intercâmbio cultural entre Portugal e os Países Baixos, o convite “[...] *para realizar duas conferências no Instituto de História Agrária na Universidade de Agricultura de Wageningen, Holanda, a convite do Prof. B. Sicher von Bath. Os temas tratados foram: Agriculture and agrarian life in medieval Portugal, The settlement of Madeira and the sugar cane plantations [...]*” (RAU, 1968, p. 15).

O ponto alto deste ano foi o seu regresso aos Estados Unidos, desta vez à Universidade de Yale, como Professor Visitante de História durante o primeiro semestre do ano lectivo de 1963-1964. Em requerimento de 24 de Maio apresentado ao Presidente do Instituto de Alta Cultura refere que “[...] *O Departamento de História da Universidade de Yale, New Haven, Estados Unidos da América, dirigiu-me um convite para ensinar, como Professor Visitante dois cursos sobre História da Expansão Portuguesa e História Medieval de Espanha e Portugal, no primeiro semestre lectivo de 1963-1964. Desnecessária se torna acentuar a significação deste convite para a Universidade de Lisboa... Nestas condições, rogo a V. Ex.^a se digne promover que me seja concedida equiparação a bolsheiro por seis meses, a partir de 27 de Agosto data da minha partida para os Estados Unidos da América do Norte [...]*” (Processo da Prof. Doutora Virgínia Robertes Rau. 1943. Cx. 223, 1.^o). Partiu a 27 de Agosto de 1963 “[...] *sendo-lhe confiada a regência de dois cursos: Portuguese Overseas Expansion –History 232a– (seminário para alunos graduados), The Iberian Peninsula in the Middle Ages – History 50a. Para se ausentar do país foi-lhe concedida autorização especial (Diário do Governo, II Série, n.^o 167, de 17 de Julho de 1963) [...]*” (RAU, 1968, p. 16). Como ela própria refere, para além da leccionação e, “[...] *enquanto professora nessa universidade norte-americana, foi convidada pelo “Council on Latin-American Studies” e pelo “Department of History” a proferir a 12 de Dezembro de 1963 uma conferência pública subordinada ao tema Origins of Brazil Sugar Cycle in the Portuguese Atlantic Islands [...]*”. Ainda na Universidade de Yale fez um seminário sobre “[...] *Portuguese Cultural Contacts and Trade in Southeast Asia, XVIth and XVIIth centuries”, no curso do Prof. Harry Benda, director do grupo de estudos de História Asiática; e outro seminário sobre Social and Economic Background of Portuguese Overseas Expansion, a pedido do Prof. William Parker no seu curso de História Económica, no Departamento de Economia [...]*” (RAU, 1968, p. 16).

O excepcional acolhimento dispensado à professora portuguesa naquela que é uma das Universidades norte-americanas mais prestigiadas encontra-se evidenciado por concerto em sua honra na Universidade de Yale (Fig. 4), bem como a difusão alargada que a realização das suas conferências sempre justificavam, como é o caso de convite do Council on Latin American Studies do Department of History da Universidade de Yale para assistir a conferência de V. Rau no dia 12 de Dezembro de 1963.

Como era já seu hábito em longas permanências no estrangeiro – já o tinha feito em 1950, aquando da sua primeira estada nos Estados Unidos, em Berkeley, Califórnia – Virgínia Rau potencializou contactos e diversas actividades e, segundo as suas palavras, “[...] *durante a sua estadia nos Estados Unidos da América proferiu conferências na Universidade de Harvard (a convite do Prof. Francis M. Rogers) e na Universidade de Columbia, New York (por convite do Prof. Lewis Hanke), subordinadas aos seguintes temas: Settlement and Colonisation in the Portuguese Atlantic Islands, e Original Aspects of Portuguese Overseas Expansion [...]*” (RAU, 1968, p. 16-17). Ainda segundo o seu testemunho, “[...] *durante os meses de Setembro de 1963 a Janeiro de 1964 procedeu*

a *investigações nas seguintes bibliotecas norte-americanas: Yale University Library, Hispanic Society of America, New York Public Library, Pierpont Morgan Library [...]*” (RAU, 1968, p. 9). Proferiu igualmente uma conferência intitulada “Settlement and Colonization in the Portuguese Atlantic Islands”, na Old Dartmouth Historical Society and Whalling Museum, em New Bedford, Massachusetts (RAU, 1968, p. 35). É ainda durante esta sua permanência nos Estados Unidos que participa na 78.^a Reunião Anual da “American Historical Association”, que se realizou em Philadelphia, E.U.A, de 28 a 30 de Dezembro de 1963, tendo sido convidada de honra no almoço inaugural da “Conference on Latin American Studies” (RAU, 1968, p. 32).

Em 1963 tem lugar, em Coimbra, o V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros tendo apresentado uma comunicação intitulada “Dados sobre a emigração para o Brasil no século XVIII”, em colaboração com um conjunto de alunos promissores, como Iria Gonçalves, Jorge Borges de Macedo, Adelaide Salvador Marques, Maria José Lagos Trindade e Maria de Lourdes Akola da Silva Neto.

Em Maio de 1964 regressou a Londres, onde realizou, no dia 12 de Maio seminário no “Institute of Historical Research” intitulado “Historiography and Historical Studies in Portugal”. Mais uma vez, aproveitando a sua estada em Inglaterra fez investigações em Londres no Public Record Office e em Somerset House (RAU, 1968, p. 9).

Em Agosto e Setembro de 1965 deslocou-se à Alemanha e à Áustria. De 23 a 27 de Agosto representou Portugal no 3.º Congresso Internacional de História Económica que se realizou em Munique, “apresentando uma comunicação intitulada “Facteurs et factoreries comme instruments du commerce international portugais au XVI^e siècle” (RAU, 1968, p. 32). Seguiu depois para Viena de Áustria, onde chefiou a delegação portuguesa ao XII Congresso Internacional de Ciências Históricas que aí se realizou de 29 de Agosto a 5 de Setembro, participando nos trabalhos de diversas secções e tendo sido re-eleita vice-presidente da Comissão interna do Comité Internacional de Ciências Históricas.

No ano seguinte, a convite da Embaixada da República Federal da Alemanha, visitou as Universidades de Bona, Colónia, Hamburgo e Berlim, em Junho de 1966, estabelecendo ou estreitando relações culturais com os Professores de História e de Filologia Românica dessas Universidades alemãs (RAU, 1968, p. 17).

The Council on Latin American Studies
Yale University
presents
Humanism and Music in Portugal
A program in honor of
Professor Virginia Rau
University of Lisbon and
Visiting Professor, Yale University

Introduction:
Professor Carleton Sprague Smith
New York University

Music by the
CAPPELLA CORDINA
Alejandro Planchart, Conductor

King Joao IV (1604-1656)	Adjuva Nos, Deos (Psalm 79:9) Crux Fidelis (Pange lingua 8)
Damiao de Goes (1502-1574)	Ne laeteris inimica mea (Micah 7:8)
Matius Olthoff (1555-1629) Settings of Latin verse translations of the Psalms by George Buchanan (1506-1582) written in Portugal and dedicated to Mary Queen of Scots	Felix ille animi (Psalm 1) Gentis humanae (Psalm 8) Psallite Dominum (Psalm 113)

Concluding remarks:
Professor Rau

Fig. 4 – Programa do concerto em honra de V. Rau na Universidade de Yale (Arquivo do Serviço de Pessoal da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).

De França, o reconhecimento e consagração chegam em Maio de 1966 quando é agraciada com a Ordem das Palmas Académicas (RAU, 1968, p. 5); no ano seguinte, a 17 de Outubro, é-lhe é atribuído o grau de Doutor *Honoris Causa* pela Faculdade de Letras da Universidade de Toulouse (RAU, 1968, p. 5).

Em 1967, apresenta conferência em Itália, a convite do Istituto di Storia Economica, Facoltà di Economia e Commercio, Università degli Studi di Firenze (Fig. 5).

Esta intensa participação nacional e, sobretudo, internacional em colóquios, congressos ou simples conferências, traduz-se igualmente na participação em inúmeras agremiações científicas de prestígio que ela própria enumera no seu *Curriculum Vitae*: Academia Portuguesa da História; Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; The Hispanic Society of America; Société Préhistorique Française; The Historical Association-Lisbon Branch; The Society of Woman Geographers; O Instituto; Associação dos Arqueólogos Portugueses; Centro de Estudos Históricos Ultramarinos; Sociedade Histórica da Independência de Portugal, Academia Internacional de Cultura Portuguesa, etc. Em 1965 foi eleita como o “primeiro sócio correspondente feminino do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em seguimento de uma alteração estatutária introduzida com o objectivo de permitir a eleição de mulheres” (RAU, 1968, p. 23).

Embora não o mencione no *Curriculum Vitae*, foi também sócia da Sociedade de Geografia de Lisboa, desde 10 de Novembro de 1941, da Sociedade Geológica de Portugal desde 1948 e do Instituto de Arqueologia, História e Etnografia,⁹ conforme consta da sua ficha de inscrição na Academia Portuguesa da História. É de notar que integra a maioria dessas associações em data precoce, como é o caso do Instituto de Arqueologia História e Etnografia, desde 1937 – ainda a residir no estrangeiro e antes dos seu regresso definitivo a Portugal –, de O Instituto, de que é membro desde 8 de Julho de 1939, da Sociedade de Geografia de Lisboa, desde 10 de Novembro de 1941 – nestes dois últimos casos, terá sido admitida ainda aluna da Faculdade de Letras de Lisboa.

Em data posterior à elaboração do seu *Curriculum Vitae* para o Instituto de Alta Cultura, foi admitida em The Royal Historical Society (1967), na Academie Royal Flamande des Sciences (1969), no Instituto Económico da Universidade de Pavia (1972), no Centro Internazionale di Storia della Vita e del Vino (1972), tendo ainda integrado o Comité Científico do Centro Internazionale di Storia Economica Francesco Datini (1968).



Fig. 5 – Convite do Instituto di Storia Economica, Facoltà di Economia e Commercio, Università degli Studi di Firenze para a conferência de V. Rau a 3 de Abril de 1967 (Arquivo do Serviço de Pessoal da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).

⁹ Nalguns casos em que não tem absoluta certeza da data de ingresso, indica-a na ficha, seguida de ?, como por exemplo no caso do Instituto de Arqueologia, História e Etnografia, onde indica 1937 ? Ou nos casos da Société Préhistorique Française (1947 ?), Sociedade Geológica de Portugal (1948 ?) e na Associação dos Arqueólogos Portugueses (1944 ?).

Em 1969 apresentou a demissão do cargo de Directora da Faculdade de Letras, tendo sido louvada pela devoção, competência, zelo, lealdade e espírito de sacrifício no exercício do respectivo cargo, louvor esse publicado no *Diário de Governo*, II Série, n.º 59 de 11. de Março de 1969 (*Processo da Prof. Doutora Virgínia Robertes Rau*. 1943. Cx. 223, 1.º).

Os últimos cinco anos de vida de Virgínia Rau, já sem a responsabilidade da direcção da Faculdade de Letras, continuaram a ser marcados pelos contactos internacionais, acompanhados por intensa actividade científica e pedagógica, centrando ainda mais a atenção no Centro de Estudos Históricos do Instituto de Alta Cultura, anexo à Faculdade de Letras, fundado em 1958 e, desde então sob a sua direcção.

Em 1965 fundara a revista “Do Tempo e da História”, tendo definido no texto de apresentação os pressupostos da sua criação e as linhas orientadoras, escrevendo que “[...] *não carece ser demonstrada a necessidade de um Centro de Estudos dispor de um órgão próprio onde possa apresentar as conclusões que for tirando relativamente aos seus trabalhos em curso ou onde possa abordar temas e fixar pesquisas. Interessa-lhe também dispor de um meio de contacto regular com o público esclarecido e os estudiosos, onde se faça a recensão da bibliografia mais recente, ou se promova a análise crítica de obras sobre as quais importa realmente formular um juízo. Além disso, é desnecessário salientar a vantagem que há em dispor de uma publicação onde sejam acolhidos trabalhos de historiadores nacionais e estrangeiros cujos métodos, problemática e conclusões revistam interesse para a cultura histórica portuguesa [...]*” (RAU, 1965, p.3-4). Entre a publicação do volume I, em 1965 e a do volume II, há um intervalo de quatro anos, provavelmente explicáveis pelas funções directivas que exerceu na Faculdade de Letras. A partir da edição do volume II, em 1969, consegue estabelecer a periodicidade da revista – os volumes III, IV e V foram editados, respectivamente, em 1970, 1971 e 1972 – com altos padrões de qualidade, os quais, para além de incluírem os resultados das pesquisas de investigadores do Centro, têm contributos de historiadores estrangeiros de referência, como Frédéric Mauro ou Peter E. Russel.

Nesses últimos anos de vida o ritmo das suas pesquisas e publicações não abrandou, tendo publicado muitos trabalhos na referida revista “Do tempo e da História”, mas também em actas de colóquios, como o “Kölner Kolloquien sur internationalen Sozial – und Wirtschaftsgeschichte”, em 1970, ou em revistas, como *Aufsätze zur portugiesischen Kulturgeschichte* (no vol. 10 de 1970) e nos *Recueils de la Société Jean Bodin pour l’Histoire comparative des institutions* (vol. 33, 1972). A sua última publicação, uma contribuição nas “Mélanges en l’Honneur de Fernand Braudel” data de 1973 e constitui um ponto alto na sua carreira, pelo reconhecimento da sua obra ao ser escolhida para participar na homenagem a esse nome maior da historiografia mundial, que foi Fernand Braudel, com quem privara de perto em Paris (Fig. 6).

Os seus contactos internacionais também continuaram bastante activos; voltou a Oxford e a Exeter em 1970 como conferencista e, ainda nesse ano, participou no Congresso de Ciências Históricas, realizado em Moscovo, seguido do Congresso Internacional de História Económica que teve lugar em Leninegrado.

A 12 de Novembro de 1971, Fernand Braudel escreve uma carta para a morada particular de Virgínia Rau e na qual se lê: “[...] *je suis très heureux de vous inviter à Paris pour une durée de trois mois à votre convenance. Vou serez chargée de diriger à L’École des Hautes Études un séminaire portant sur vos propres études relatives à l’histoire économique du Portugal [...]*”. Na sequência deste convite, Virgínia Rau apresentou requerimento, a 12 de Dezembro de 1971, ao Presidente do Instituto de Alta Cultura para se ausentar do país, como bolseira, entre 15 de Fevereiro e 20 de Maio de 1972 (*Processo da Prof. Doutora Virgínia Robertes Rau*. Cx. 223, 2.º), tendo dirigido em Paris o referido seminário na 6.ª Secção da referida Escola, no primeiro semestre de 1972.

É ainda em 1972, de 25 a 30 de Setembro, que organizou em Lisboa as I Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval sobre “A Pobreza e a Assistência aos Pobres na Península Ibérica durante a Idade Média”.

A 20 de Junho de 1973 Virgínia Rau recebeu convite do Instituto de História da Universidade de Varsóvia para proferir uma série de conferências naquela universidade, tendo apresentado, a 17 de Julho de 1973, um requerimento ao Presidente do Instituto de Alta Cultura para se ausentar em missão oficial entre 20 de Novembro e 10 de Dezembro de 1973. Essa missão, porém, não se realizou. A 10 de Outubro de 1973, o subdirector da Faculdade de Letras informou o Reitor da Universidade de Lisboa que a Prof.^a Virgínia Rau se encontrava internada desde o dia 1 de Outubro no Hospital da CUF, em Lisboa, no quarto 22. A morte sobreveio no dia 2 de Novembro de 1973, aos 65 anos de idade.

2 - A ASSISTENTE DE PRÉ-HISTÓRIA

Na intensa e excepcional carreira científica de Virgínia Rau, que acima se procurou resumidamente caracterizar, cinco títulos publicados sobre temática arqueológica e, especialmente, sobre Pré-história, permanecem, ainda hoje, por explicar quanto à sua origem e motivação. Perdeu-se a “memória” dessa sua ligação à Arqueologia e a sua própria razão de ser. E quando são mencionadas as suas publicações de temática arqueológica, tal realidade não tem despertado a menor atenção nem motivado sequer comentário ou reflexão. Tudo se passa como se tal realidade jamais tivesse existido. E, no entanto, até pelo silêncio criado em torno dessa evidência, impunha-se que se procurasse, pelo menos, conhecer as razões dessa motivação e as causas do abandono dessa vertente de investigação por parte de Virgínia Rau.

Tendo concluído a licenciatura em 23 de Julho de 1943, por proposta de Manuel Heleno foi aprovada a sua contratação como assistente em reunião do Conselho Escolar de 15 de Outubro de 1943. Tomou posse desse lugar a 10 de Dezembro de 1943, constando do contrato que Virgínia Rau teria a seu cargo a regência de trabalhos práticos de Arqueologia, História dos Descobrimentos e da Colonização Portuguesa, Numismática e Esfragística e Epigrafia. Manuel Heleno propôs a sua contratação, precisamente, para assegurar as práticas das disciplinas de que era titular, sendo Arqueologia a sua cadeira de referência. Porquê então a escolha de uma assistente para a cadeira de Arqueologia cujos trabalhos publicados, à data da sua contratação, incidiam, maioritariamente, em temas de História Medieval?

Temos de recuar ao ano de 1941 para se entender cabalmente esta opção de Manuel Heleno. Na sessão do Conselho Escolar de 19 de Dezembro de 1941, conforme consta da respectiva acta “[...] o dr. Manuel

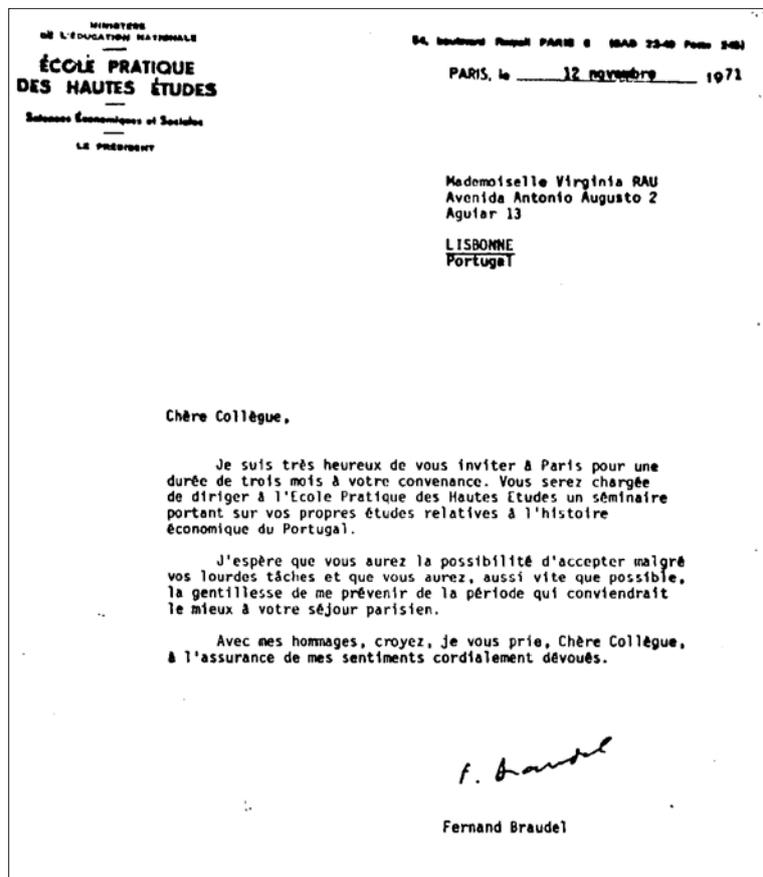


Fig. 6 – Convite de F. Braudel a Virgínia Rau para coordenar um seminário na École Pratique d’Hautes Études (Arquivo do Serviço de Pessoal da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).

Helena propôs que, ao abrigo do artigo 9.º do Decreto n.º 31.658, [que] o abade Breuil fosse contratado para reger um curso anexo à cadeira de Arqueologia, para realizar trabalhos de seminário no “Instituto Etnológico dr. José Leite de Vasconcelos”, e no campo relativos a arqueologia e a geografia (estudo do quaternário) com o vencimento mensal de dois contos, – o que foi aprovado [...]” (Livro de actas das sessões do Conselho da Faculdade de Letras. Tomo 7, fl. 22). Numa Europa em guerra, a presença em Portugal do eminente Pré-historiador francês H. Breuil (Fig. 7), referência incontornável no estudo do Paleolítico e da Arte Pré-Histórica era, obviamente, uma oportunidade para o desenvolvimento da Pré-História na Faculdade de Letras, que muito conviria aproveitar, como bem entendeu Manuel Heleno. Não cabe neste estudo dar pormenores das razões que estiveram na origem da vinda de Breuil a Portugal, onde permaneceu cerca de 17 meses, entre Junho de 1941 e Novembro de 1942, nem das vicissitudes que a sua estada conheceu, as quais serão objecto de outro trabalho.



Fig. 7 – Henri Breuil, fotografado no corredor da Gruta I de Alapraia (1.º do lado direito). Em segundo plano, do lado esquerdo, divisa-se o P.º Eugénio Jalhay (Arquivo O. da Veiga Ferreira/João Luís Cardoso).

O que agora importa destacar é que, tendo Breuil sido contratado pela Universidade de Lisboa para leccionar na Faculdade de Letras curso de Pré-História, no decurso de 1942, Manuel Heleno, mentor da iniciativa, solicitou a Virgínia Rau, então aluna finalista, que tomasse apontamentos dessas aulas (Fig. 8), os quais, depois de dactilografados, lhe foram enviados. Tais apontamentos pertencem presentemente a um de nós (J.L.C.), e a eles se refere a carta de Virgínia Rau a Manuel Heleno, de 30 de Outubro de 1942 e na qual se pode ler o seguinte: “[...] por várias vezes tenho tentado telefonar para casa de V. Ex.ª sem conseguir obter resposta. Pensando que ainda estava ausente, fui esperando até ao início das aulas; mas como ainda há momentos telefonei e ninguém respondeu, tomo a resolução de mandar esta carta pelo correio, afim de a fazerem seguir até junto de si. Pelo mesmo correio seguem registados os apontamentos do P.º Breuil que me tinha pedido e que eu já passei à máquina, desde o fim de agosto [...]” (Fig. 9) (RAU, 1942).

Convém explicar a importância que o adequado registo das aulas de Henri Breuil tinha para Manuel Heleno. Com efeito, este tinha iniciado escavações na década de 1930 nas notáveis estações do Paleolítico Superior da região de Rio Maior, o que conduziu à cabal demonstração da existência da sucessão das indús-

trias clássicas que caracterizam aquela época na Europa Ocidental. Tal realidade veio contrariar a teoria da origem australóide e africana das populações dos concheiros de Muge, defendida por Mendes Corrêa, ao comprovar que as suas imediatas antecedentes e mesmo as suas contemporâneas, da região de Rio Maior tinham claramente raiz europeia (CARDOSO, 2013). Convinha, pois, a Manuel Heleno, que Breuil reforçasse, com a sua autoridade, as classificações por ele próprio efectuadas de tais indústrias, que ainda se não atrevera a publicar, mesmo que de forma sintética, embora por certo já tivesse confirmação da idade das mesmas. Para tal, aproveitou a presença em Portugal, no decurso da década de 1930, de arqueólogos competentes para efectuarem a diagnose segura de tais indústrias, como Hugo Obermaier (Fig. 10).

Os apontamentos das aulas de Henri Breuil proferidas na Faculdade de Letras motivaram trocas de impressões entre os catedráticos da Faculdade de Letras, patentes nas actas do Conselho Escolar, surgindo a

primeira referência na sessão de 30 de Novembro de 1944, e na qual se pode ler que o “[...] *Professor Orlando Ribeiro pergunta, que se fez no sentido de se cumprir a resolução tomada sobre o doutoramento honoris causa do eminente pré-historiador Padre Breuil. Diz, ainda, que tem em seu poder, inteiramente redigidas, as lições que esse ilustre investigador fez nesta Faculdade, e pergunta se o Conselho está disposto a promover a respectiva edição ou se será preciso recorrer a um editor particular... O Professor Heleno, reforçando as considerações do Professor Orlando Ribeiro, lembrou que o Instituto Etnológico poderia encarregar-se de tal publicação, se lhe fosse concedido subsídio. Resolveu-se propor a edição do curso do Padre Breuil ao IAC [...]*” (Livro de actas das sessões do Conselho da Faculdade de Letras. Tomo 7, fl. 67).

A iniciativa de outorgar a Henri Breuil o doutoramento *honoris causa* da Universidade de Lisboa teve seguimento, o mesmo não acontecendo com a publicação do livro das aulas, tanto pelo “Instituto Arqueológico” (devia referir-se ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia” sob a direcção de Manuel Heleno, como pelo Instituto de Alta Cultura, abreviadamente indicado pela sua sigla. Importa esclarecer, contudo, que o documento a que se refere Orlando Ribeiro não corresponde ao produzido por Virgínia Rau. Com efeito, as lições de Breuil foram cuidadosamente dactilografadas, com base no manuscrito do próprio, e

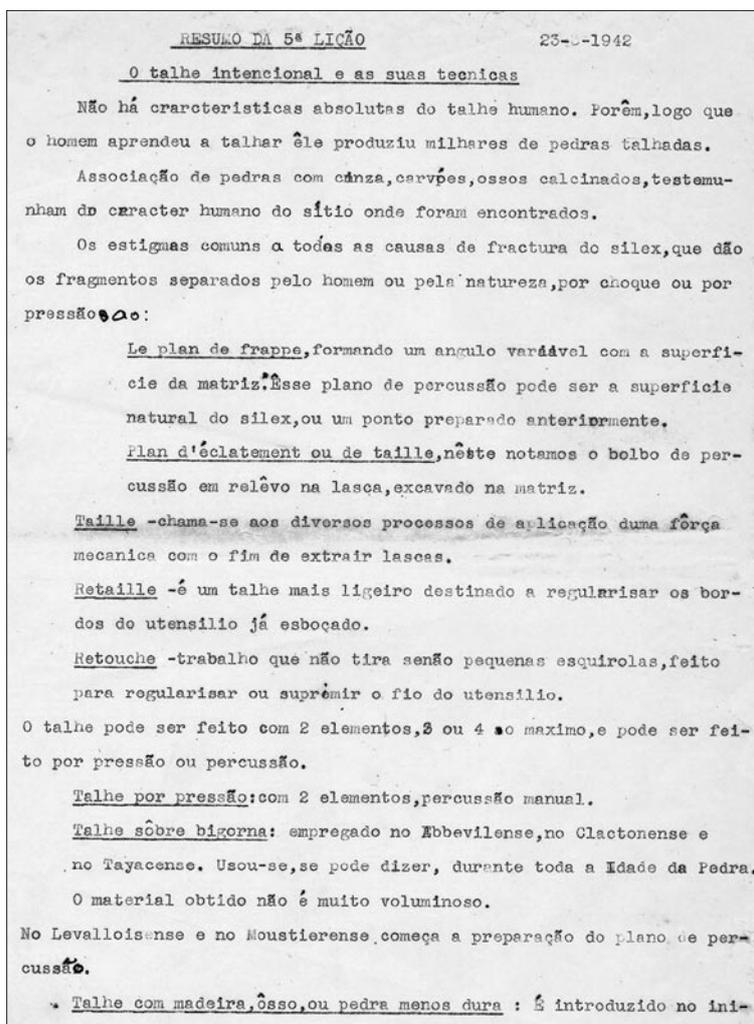


Fig. 8 - Apontamentos das aulas de H. Breuil coligidos por Virgínia Rau (Arquivo João Luís Cardoso).

Arq/15/11623/5-0/2

75. AV. DA REPUBLICA
LISBOA

30 de Outubro de 1942

meu
Sr. Dr. Manuel Heleno

Por varias vezes tenho tentado te-
lefonar para casa de U. Dr. em con-
sequir obter resposta. Pensando que
ainda estava ausente, fui esperar
do até ao inicio das aulas; mas
como ainda há momentos telefoni-
e ninguém respondeu, tome a re-
solução de mandar esta carta pe-
lo correio, afim de a fazerem re-
gir até junto de si.

Pelo ultimo correio seguem o
fictados os apontamentos do P.^o Breuil
que me tinha pedido e que eu
já passei a maquina, desde o fim
de a oeste, fazendo traças de ellos
entregar pessoalmente em Rio
maior, quando lá fosse.

Depois o tempo passou, tive cada

cimento que o Sr. Doutor só ia em Oc-
tubro para lá e nunca mais tive en-
jeito de ellos mandar.

Regressi logo mesmo da região de
Coruche, onde tive ocasião de trabalhar
um pouco no campo e encontrar
algumas pedras, infelizmente pouco
típicas.

Gostaria muito de conversar com
o Sr. Doutor e, se me permitir, pro-
cura-lo na Faculdade.

Fazendo votos pela saúde de
U. Dr. e de todos os seus

Cris. me muito sinceramente

Virginia Rau.

Fig. 9 – Carta de Virginia Rau a Manuel Heleno de 30-10-1942, relativa ao envio dos apontamentos dactilografados das aulas de H. Breuil (Arquivo Pessoal de Manuel Heleno, Museu Nacional de Arqueologia).

deram lugar a obra da qual se tiraram
escassos exemplares roneotipados
, intitulada “Notions de Préhistoire
Ancienne et d’Art Préhistorique”, um
dos quais é propriedade de um de nós
(J.L.C.) (Fig. 11). No preâmbulo dessa
obra, que jamais chegou a publicar-se,
mas que esteve na origem do livro de
larga difusão, de H. Breuil em co-au-
toria com R. Lantier “Les hommes de
la pierre ancienne”, publicado em Paris
em 1951, pode ler-se, confirmando as
palavras de Orlando Ribeiro, a seguinte
passagem: “[...] *Sur le point d’aller
au loin chercher un asile dans un pays
plus écarté des principaux foyers de
la conflagration mondiale – [...] – je
laisse ce texte de mes cours à mes amis*



Fig. 10 – Hugo Obermaier à esquerda, fotografado na herdade do Azinhal (Coruche) com Manuel Heleno à direita, e Georg Leisner, de costas, aquando de exploração, na década de 1930, das antas alentejanas (Arquivo Leisner/Instituto Arqueológico Alemão/Delegação de Madrid, negativo D-DAI-MAD-LEIV-LEI-03-028).

Zbyszewski, du Service géologique portugais, et Orlando Ribeiro, de l'Université de Coimbra, pour en faire une édition portugaise, selon le désir de l'institut de la Haute Culture et de l'Université de Lisbonne. Avec la traduction, que je leurs confie, je leur laisse à choisir les illustrations, bien nécessaires à cette œuvre, et que, de loin, je ne pourrais guère surveiller [...].

À questão do doutoramento *honoris causa* de Henri Breuil, voltará Orlando Ribeiro bastas vezes nas sessões do Conselho Escolar, motivando até o comentário irónico de Vitorino Nemésio, ao tempo secretário do referido Conselho, na acta da sessão de 30 de Outubro de 1946: “[...] O Prof. Ribeiro, talvez pela vigésima vez, refere-se ao caso lamentável do doutoramento *honoris causa* do Prof. Breuil, o qual está na crença de que foi mistificado a este respeito, pois não recebeu qualquer comunicação oficial sobre o

assunto. O Director promete providenciar para que a Chancelaria da Universidade lhe envie com urgência o diploma de Doutor [...]” (*Livro de actas das sessões do Conselho da Faculdade de Letras*. Tomo 7, fl. 88). O facto de o Director da Faculdade referir claramente que o diploma de Doutor deveria ser enviado com urgência a Breuil é prova de que o grau lhe fora concedido, conclusão confirmada anos depois por Manuel Heleno que, no final do texto que publicou sobre o eminente arqueólogo, declara: “Por isso a Faculdade de Letras de Lisboa lhe quis exprimir o seu apreço e reconhecimento, concedendo-lhe o seu mais alto grau científico” (HELENO, 1956 a).

O documento constituído pelas lições de Henri Breuil dactilografadas pela aluna finalista Virgínia Rau expressa o cuidado com que as matérias foram apreendidas, delas emanando uma visão atraente da Pré-História, só possível pelo fascínio que as mesmas lhe provocaram, de forma puramente circunstancial: tinha-se, assim, formado uma seguidora, à partida improvável, mas de altíssima qualidade.

Com efeito, é manifesto, a partir dessa data, o interesse de Virgínia Rau pela Arqueologia e, especialmente pela Pré-História, sendo evidente a vontade de prosseguir e aprofundar essa temática. Disso é testemunho o primeiro postal que escreveu a Manuel Heleno de São Martinho do Porto, datado de 1 de Setembro de 1942 (Fig. 12), no qual está patente o entusiasmo e vontade de trabalhar em Arqueologia: “[...] desculpe vir importuna-lo logo no primeiro dia de Setembro, mas como calculo que o Sr. Doutor já esteja em Rio Maior, não quero perder o ensejo de lhe vir pedir novamente licença para ir ver as explorações que está fazendo. Pedia também o favor de me mandar uma palavra dizendo-me até que data tenciona aí permanecer para eu poder escolher os dias em que me é mais conveniente ir até Rio Maior. Regressei há dois dias das Berlengas e aproveitei na passagem

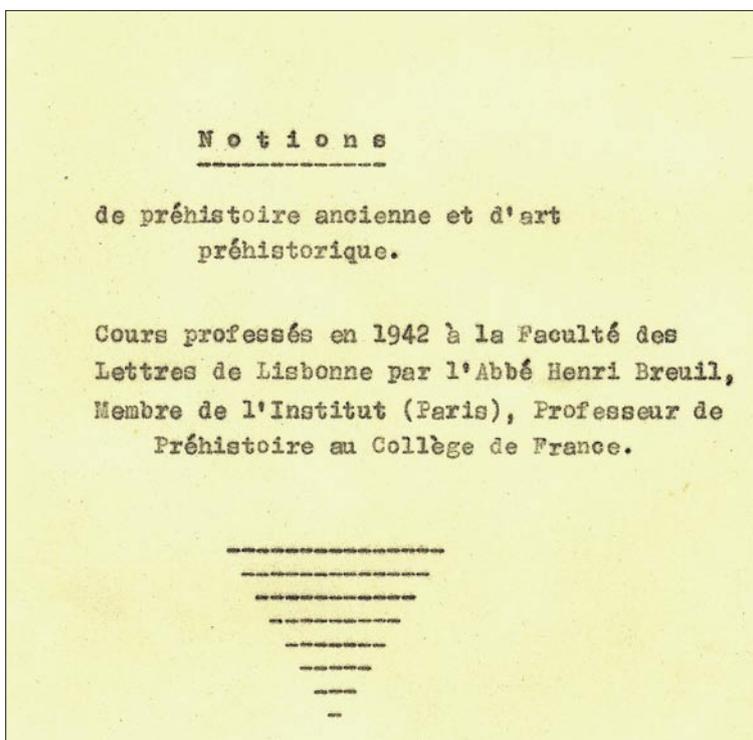
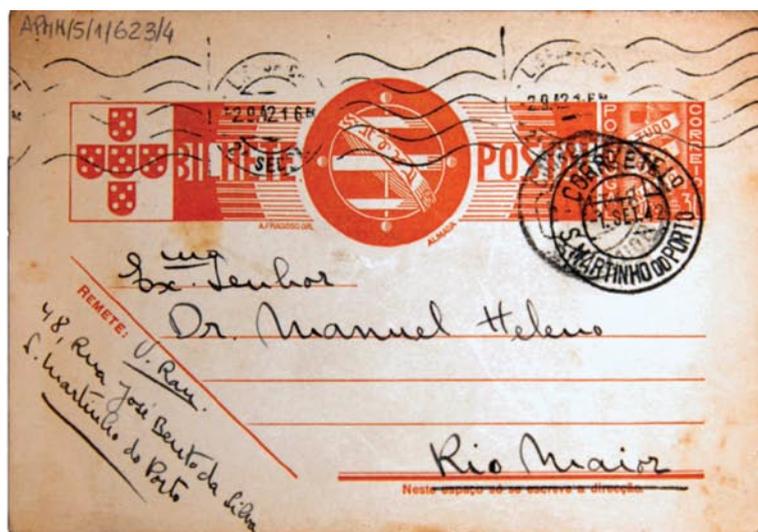


Fig. 11 - “Notions de Préhistoire Ancienne et d’Art Préhistorique”, folha de rosto da obra preparada em Lisboa, no decurso de 1942, com base nas aulas de H. Breuil apresentadas à Faculdade de Letras, que não chegou a ser publicada (Arquivo de João Luís Cardoso).

para ficar em Peniche, onde fiz algumas excursões e onde tive o prazer de colher o meu primeiro achado arqueológico. Em Lisboa terei o prazer de lho mostrar, e de lhe pedir para mo ajudar a classificar. Esperando uma resposta, creia-me muito sinceramente grata [...]" (RAU, 1942). A resposta não deve ter vindo ou, se veio, tardou muito, de tal forma que na segunda missiva que Virgínia Rau escreve a Manuel Heleno, já em Lisboa, e datada de 30 de Outubro de 1942 (Fig. 9), a propósito do envio dos apontamentos dactilografados de Henri Breuil, não deixa de referir que fazia "[...] tenção de lhos entregar pessoalmente em Rio Maior, quando lá fosse. Depois o tempo passou, tive conhecimento que o Sr. Doutor só ia em Outubro para lá e nunca mais tive ensejo de lhos mandar [...]" (RAU, 1942). Manuel Heleno não lhe terá indicado a data em que estaria em escavações em Rio Maior, o que penalizou a aluna finalista Virgínia Rau, pois contava por certo com mais apoio por parte do responsável pela cadeira de Arqueologia. A indiferença aparente de Manuel Heleno não a impediu contudo de prosseguir os trabalhos de campo, como ela refere nessa carta ao dizer que "[...] Regressei hoje mesmo da região de Coruche, onde tive ocasião de trabalhar um pouco no campo e encontrar algumas peças, infelizmente pouco típicas. Gostaria muito de conversar com o Sr. Doutor e, se mo permitir, procurá-lo-ei na Faculdade [...]" (RAU, 1942).

De facto, nesse ano de 1942, Manuel Heleno realizou diversas intervenções arqueológicas no concelho de Rio Maior, em alguns sítios de referência, como por exemplo a Senhora da Luz, Alcobertas, Arneiro, etc. conforme se pode ler no caderno de campo relativo àquele ano (o n.º 22), conservado no Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia. Tais campanhas prolongaram-se entre Maio e Novembro desse ano, algumas em continuidade de anos anteriores. Como era hábito,



S. Martinho do Porto 1 de Setembro
 ao
 Ex. Sr. Dr. Manuel Heleno

Desculpe vir importuná-lo logo no primeiro dia de Setembro, mas como calculo que o Sr. Doutor já esteja em Rio Maior, não quero perder o ensejo de lhe vir pedir uma licença para ir ver as explorações que está fazendo. Pedia também o favor de me mandar uma palavra dizendo-me até que data tenha a permanecer para eu poder escolher os dias em que me é mais conveniente ir até Rio Maior.

Regressei há dois dias das Beira Lages e aproveitei na passagem ficar em Peniche, onde fiz algumas excursões e onde tive o prazer de colher o meu primeiro achado arqueológico. Em Lisboa terei o prazer de lho mostrar, e de lhe pedir para mo ajudar a classificar.

Esperando a sua resposta, creia-me muito sinceramente grata.

Virgínia Rau

Fig. 12 – Postal de Virgínia Rau a Manuel Heleno, datado de São Martinho do Porto de 1 de Setembro de 1942, onde se alude a recolhas de materiais arqueológicos e se manifesta a vontade de o visitar em Rio Maior (Arquivo Pessoal de Manuel Heleno, Museu Nacional de Arqueologia).

Manuel Heleno não permaneceu todos esses meses em Rio Maior, deixando os seus colaboradores encarregados da continuação e supervisão dos trabalhos de campo, deslocando-se aos sítios por temporadas, em diferentes períodos. Era durante uma das suas estadas em Rio Maior que Virgínia Rau pretendia deslocar-se aos sítios arqueológicos que ele estava a escavar, para poder ter contacto directo com o trabalho de campo e as suas especificidades.

Manifestamente, não foi com Manuel Heleno que teve

oportunidade de efectuar trabalhos de campo, por desinteresse manifesto do próprio (estratégia que viria a seguir com outros colaboradores). Desse modo, Virgínia Rau ficou confinada à orientação que, nessa matéria, poderia recolher de H. Breuil, e, depois de Georges Zbyszewski, facto que ela própria confirmou, anos mais tarde, no seu *Curriculum Vitae*: “[...] durante o inverno e primavera de 1942 trabalhou frequentes vezes com o Prof. Henri Breuil e o Dr. Georges Zbyszewsky em assuntos de Arqueologia no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal e efectuou alguns trabalhos de Campo e excursões arqueológicas. A partir de 1943 colaborou com o Dr. Georges Zbyszewsky, geólogo dos Serviços Geológicos de Portugal, na escolha e catalogação de certas coleções arqueológicas do Museu dos Serviços Geológicos, assim como em reconhecimentos e pesquisas de campo [...]” (RAU, 1968, p. 6). É, pois, com o apoio de Henri Breuil, que nos primeiros meses de 1942 fora seu professor de Arqueologia na Faculdade de Letras, que Virgínia Rau vai estabelecer a ligação aos Serviços Geológicos e a G. Zbyszewski, com quem vai desenvolver trabalhos de investigação e estreitar laços de amizade. Com a partida de H. Breuil em Novembro de 1942 para a África do Sul, será com G. Zbyszewski que irá continuar a aprofundar o estudo da Pré-história, realidade que está na origem de algumas das suas futuras publicações em co-autoria com aquele geólogo e arqueólogo.

Menos de um mês depois de ter terminado a licenciatura, a 17 de Agosto de 1943, Virgínia Rau endereçou carta a Manuel Heleno (Fig. 13), na qual reiterou o desejo de prosseguir com pesquisas arqueológicas: “[...] não quero, no entanto, deixar de lhe vir agradecer pessoalmente todo o interesse e amizade com que seguiu a minha licenciatura. Pode ter a certeza que sempre saberei reconhecer o carinho com que incitou o meu estudo. É no exemplo de trabalho e probidade científica não só de V. Ex.^{cia} mas também dos meus outros Professores que eu procurarei moldar a minha vida de trabalho. Penso começar a trabalhar no campo, em volta de S. Martinho, logo que o meu coração aguente caminhadas e soalheiras. No caso de encontrar alguma coisa interessante terei muito prazer em lho participar imediatamente. Se em Setembro me fôr possível, e se o Sr. Doutor estiver em Rio Maior, gostaria muito de aparecer. Sinto que preciso colher ainda muita experiência e estudo para poder trabalhar capazmente. Pode calcular bem quanto gostaria de poder trabalhar no campo sob a sua direcção. Como se diz vulgarmente, só com um mestre do assunto se pode vir a tocar capazmente qualquer instrumento [...]” (RAU, 1943).

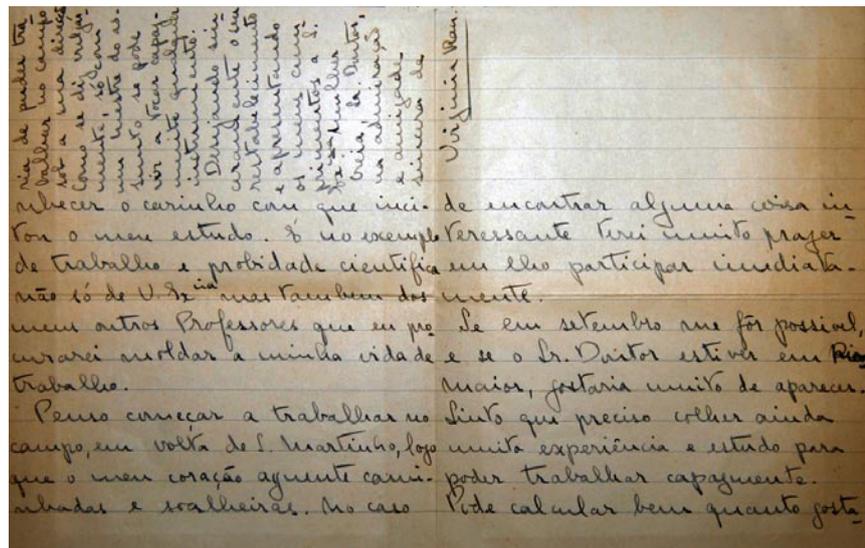


Fig. 13 – Extracto de carta de Virgínia Rau a Manuel Heleno, de 17 de Agosto de 1943, na qual declara pretender continuar a trabalhar em Arqueologia com o destinatário (Arquivo Pessoal de Manuel Heleno, Museu Nacional de Arqueologia).

É notória a esperança que Virgínia Rau acalentava de poder desenvolver trabalho, em Arqueologia, sob a orientação de Manuel Heleno, o que não se veio a verificar, por evidente desinteresse da parte deste; se algum trabalho houve, foi meramente pontual, não se traduzindo em qualquer publicação: “[...] em 1945 acompanhou o Prof. Manuel Heleno e o Dr. G. Leisner e Esposa e assistiu a parte da exploração de um dólmen na região da Igrejinha (Arraiolos) [...]” (RAU, 1968, p. 6-7).

A identificação de estações paleolíticas em torno da baía de S. Martinho do Porto jamais foram publicadas, embora as mesmas sejam mencionadas em publicação da mesma época, confirmando o efectivo interesse dos achados (FLAES & ZBYSZEWSKI, 1945-1946, p. 47).

Publicada a sua nomeação como segunda assistente em 10 de Dezembro de 1943, terá começado a leccionar na Faculdade de Letras no início de 1944. No Arquivo Histórico da Faculdade de Letras de Lisboa estão depositadas as fichas de sumários das aulas práticas de Arqueologia de Virgínia Rau entre 1944 e final de 1946 (Quadro 1). Algumas fichas de sumários estão seguramente em falta, pois é pouco provável que a primeira aula prática de Arqueologia só tenha só ocorrido a 16 de Novembro de 1944. Curiosamente, no ano de 1946

existem dois sumários de aulas teóricas da cadeira de Arqueologia assinados pela segunda assistente Virgínia Rau, o que, aparentemente, indicia que lhe terá sido confiada a regência da cadeira, como já tinha sucedido com a cadeira de História Medieval (*Livro de actas das sessões do Conselho da Faculdade de Letras*. Tomo 7, fl. 56). Tal situação pode explicar-se porque Manuel Heleno se encontrava em licença sabática, conforme consta da acta da sessão do Conselho Escolar de 5 de Novembro de 1946 (*Livro de actas das sessões do Conselho da Faculdade de Letras*. Tomo 7, fl. 88).

Uma rápida leitura destas fichas de sumários de Virgínia Rau (Fig. 14), enquanto assistente da cadeira de Arqueologia, mostra claramente a preponderância na escolha do Museu dos Serviços Geológicos como local

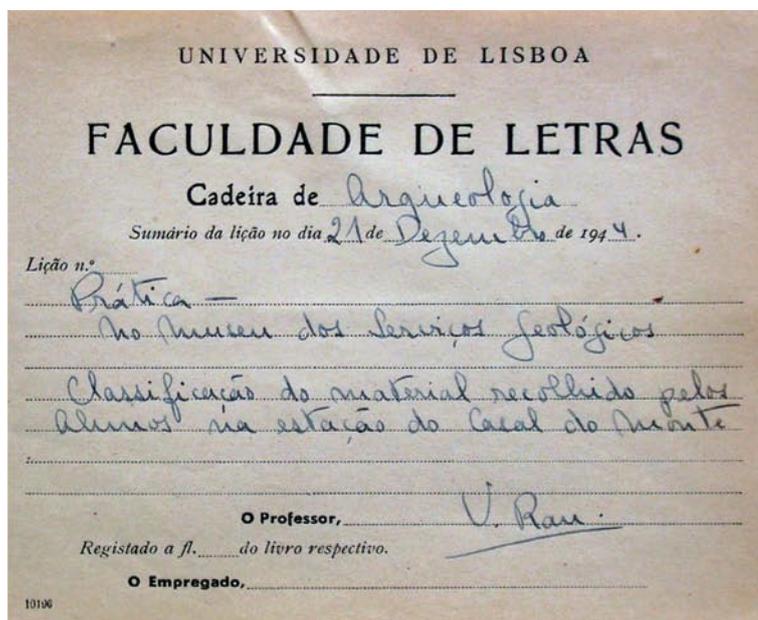
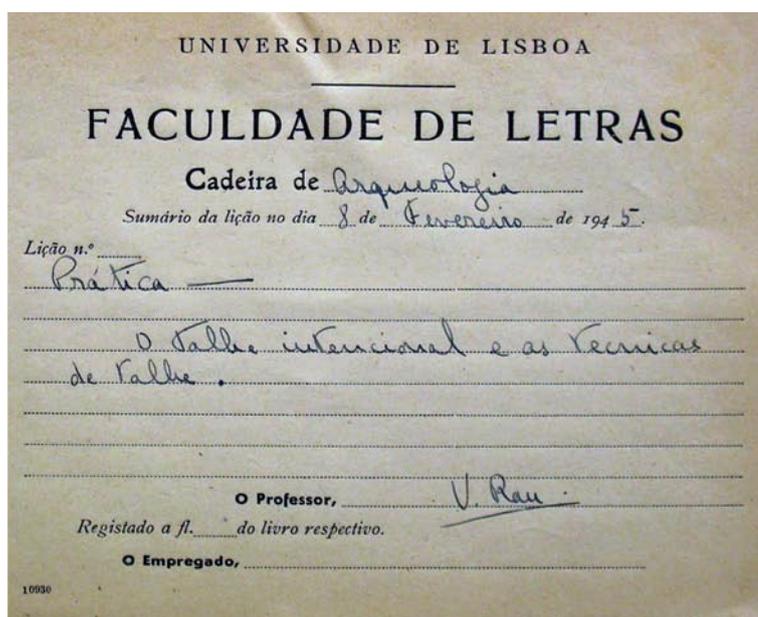


Fig. 14 – Fichas de sumários das aulas práticas da cadeira de Arqueologia (Arquivo Histórico da Faculdade de Letras de Lisboa).

preferencial para as aulas práticas e a nítida incidência em temas relacionados com o estudo do Paleolítico, objecto das aulas de H. Breuil, as quais teriam sido obviamente a sua fonte de informação principal.

As fichas de sumário das aulas de Arqueologia de 1944, num total de 5, constituem paradigma do modo como a assistente Virgínia Rau programava e orientava as aulas e os seu conteúdos. Começando por uma visita geral ao Museu dos Serviços Geológicos, em 16 de Novembro de 1944, no dia 21 de Dezembro de 1944, escreveu no sumário: “classificação do material recolhido pelos alunos na estação de Casal do Monte”, o que comprova a realização de saídas de campo com os alunos, que ali recolheram material depois por eles estudado. Na aula seguinte, em 30 de Dezembro de 1944, consta do sumário: “causas naturais da fractura do silex” e, na primeira aula de 1945, realizada a 11 de Janeiro, o tema abordado foi “as indústrias do Paleolítico Superior”. Sumários como “o talhe intencional e as técnicas de talhe”, “exemplificação dos métodos empregados para a classificação das indústrias paleolíticas”, “importância do estudo das pátinas para classificação e interpretação do material arqueológico” ou “as indústrias do Paleolítico Antigo” corroboram a influência determinante que, na leccionação de Virgínia Rau teve o magistério de Breuil.

Só a 19 de Abril de 1945 Virgínia Rau dá a sua primeira aula prática no Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos sobre “o Neolítico em Portugal – suas principais características”. Provavelmente, Manuel Heleno, como titular da cadeira de Arqueologia, terá influenciado essa diversificação do local das aulas práticas de Arqueologia e até dos conteúdos temáticos abordados. Voltará mais vezes ao Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos, em 1945 e 1946, mas será sempre o Museu dos Serviços Geológicos o seu local de eleição para as aulas práticas e onde as dará em maior número, nos anos de 1945 e 1946, comparativamente com o Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos.

Quadro 1 – Sumários das aulas práticas de Arqueologia da Prof.^a Virgínia Rau

Data	Local	Conteúdos
16.11.944	Museu dos Serviços Geológicos	Visita geral ao Museu dos Serviços Geológicos
07.12.1944	Museu dos Serviços Geológicos	Continuação da lição precedente
14.12.944	?	Continuação da lição precedente
21.12.944	Museu dos Serviços Geológicos	Classificação do material recolhido pelos alunos na estação de Casal do Monte
30.12.944	Museu dos Serviços Geológicos	Causas naturais da fractura do silex
11.10.1945	Museu dos Serviços Geológicos	As indústrias do Paleolítico Superior
18.01.1945	?	Continuação da lição precedente
25.01.1945	Museu dos Serviços Geológicos	As indústrias do Paleolítico Superior
01.02.1945	Museu dos Serviços Geológicos	As indústrias do Mesolítico
08.02.1945	?	O talhe intencional e as técnicas de talhe
22.02.1945	Museu dos Serviços Geológicos	Exemplificação dos métodos empregados para a classificação das indústrias paleolíticas
01.03.1945	?	Chamadas – revisão da matéria dada
08.03.1945	Museu dos Serviços Geológicos	O Neolítico e as suas indústrias
15.3.1945	?	Conferência do Prof. Dr. Ferdinandy Chamadas – revisão da matéria dada
22.03.1945	Museu dos Serviços Geológicos	O Neolítico Peninsular
12.04.1945	Museu dos Serviços Geológicos	A cultura megalítica em Portugal
19.04.1945	Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos	O Neolítico em Portugal – suas principais características

Data	Local	Conteúdos
26.04.1945	?	Continuação da lição precedente
10.05.1945	Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos	Continuação da lição precedente
17.05.1945	Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos	I – Continuação da lição precedente II – chamadas –revisão da matéria dada
24.05.1945	?	As civilizações pré-Helénicas A época do Ferro
31.05.1945	Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos	Chamadas – revisão da matéria dada
10.11.1945	Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos	Prática
12.11.1945	?	Serviço de exames
24.11.1945	Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos	Principais estações e seu espólio
26.11.1945	Museu dos Serviços Geológicos	Continuação da lição precedente
08.12.1945	Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos	Visita à secção de Etnologia
10.12.1945	?	Distribuição de trabalhos práticos aos alunos e planos de excursões
12.01.1946	Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos	As técnicas de talhe
14.01.1946	Museu dos Serviços Geológicos	Importância do estudo das pátinas para classificação e interpretação do material arqueológico
21.01.1946	Museu dos Serviços Geológicos	As indústrias do Paleolítico Antigo
26.01.1946	–	Impedida com a visita às instalações da Casa da Moeda com os alunos da cadeira de Numismática e Esfragística
28.01.1946	Museu dos Serviços Geológicos	Continuação da lição anterior
02.02.1946	?	Serviço de exames
09.02.1946	Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos	A indústria primitiva do osso e a sua utilização
16.02.1946	Museu dos Serviços Geológicos	Continuação da lição anterior
23.02.1946	?	Serviço de exames
25.02.1946	Museu dos Serviços Geológicos	Exemplificação dos métodos empregados para a classificação das indústrias Paleolíticas
11.03.1946	Museu dos Serviços Geológicos	As indústrias do Mesolítico. A importância dos concheiros de Muge na arqueologia europeia
16.03.1946	Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos	O Neolítico e seus instrumentos característicos: material lítico e cerâmica
18.03.1946	?	1.º Exame de frequência para alunos voluntários 2.º Exercício escrito para alunos ordinários
23.03.1946	Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos	O Neolítico e Calcolítico na Península
30.03.1946	Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos	A cultura megalítica em Portugal – suas principais características
01.04.1946	Museu dos Serviços Geológicos	Continuação da lição anterior
06.04.1946	Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos	A época do Bronze e a sua classificação
04.05.1946	?	Serviço de exames
11.05.1946	Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos	A época do Bronze na Península: a evolução e interdependência das diferentes culturas
18.05.1946	Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos	Época do Ferro: suas principais características
29.05.1946	Museu dos Serviços Geológicos	Chamadas: revisões da matéria dada
04.12.1946	?	Teórica – As divisões da Arqueologia: do Paleolítico à época dos metais
06.12.1946	?	Teórica – Conceito e evolução da Arqueologia

O seu interesse pela Pré-história, porém, não se confinou às aulas práticas da cadeira de Arqueologia que orientava. A 23 de Agosto de 1944 escreve, de S. Martinho do Porto, a Manuel Heleno, dizendo que “[...] há dias enviei para Lisboa dois pequenos trabalhos ao cuidado do Sr. Doutor Luis Chaves. Caso estejam nas condições e mereçam a sua aprovação gostaria de os enviar ao Congresso de Córdova [...]”. O Congresso em questão foi o Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, realizado em Córdova em Setembro de 1944. Virgínia Rau não só participa, como apresenta uma comunicação intitulada “Da originalidade do Paleolítico Inferior no litoral português” que viria a ser publicada, no ano seguinte, na revista “Las Ciencias” (RAU, 1945).¹⁰

A relação de discípula que ainda existia à época com Manuel Heleno está bem patente na dedicatória aposta em separata deste trabalho que lhe ofereceu (Fig. 15).

Neste estudo apresenta-se síntese das indústrias de seixos de talhe muito simples, que se encontram em numerosos retalhos de praias elevadas ao longo do litoral português, especialmente da costa estremenha, que foi aquela em que na época se concentraram as pesquisas, aquando da estada de Henri Breuil, por maior acessibilidade, a partir de Lisboa (Fig. 16). Entendia aquele pré-historiador, no que era acompanhado por V. Rau, de que a vida pouco exigente daquelas comunidades costeiras tinha limitado a sua iniciativa, pois para assegurar a sua sobrevivência teriam apenas que recorrer a artefactos frustes, muito diferentes dos utilizados pelas populações caçadoras. Tais artefactos limitavam-se, assim, a seixos que não atingiam 10 cm de comprimento máximo, talhados numa das extremidades, mais raramente nos bordos laterais, configurando indústria designada por Breuil de “estilo lusitano” ou “lusitaniano” (“style lusitanien”, em francês). Quando tais seixos se revelavam de dimensões muito pequenas, da ordem dos 3 ou 4 cm, designar-se-iam como de “estilo micro-lusitaniano”. V. Rau inventariou todos os locais conhecidos ao longo do litoral português e, tendo presente a ocorrência de tais artefactos em depósitos escalonados a diversas altitudes, concluiu, à semelhança de Breuil, que se tratava de um fácies tecnológico transversal a diversas épocas e culturas paleolíticas, realidade que se afigura ainda hoje lógica e defensável. O trabalho de Rau, tem assim uma característica até então inédita, que é a de apresentar uma síntese sobre uma indústria aparentemente característica do actual território português, com base na análise exaustiva das peças, apresentadas e descritas uma a uma em trabalhos anteriores ao seu (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1942, 1945).

Se ao reinscrever-se na Faculdade de Letras, em 1939, após o seu regresso de Paris, Virgínia Rau era já uma investigadora experiente em matéria de pesquisas em Bibliotecas e Arquivos, não era essa seguramente

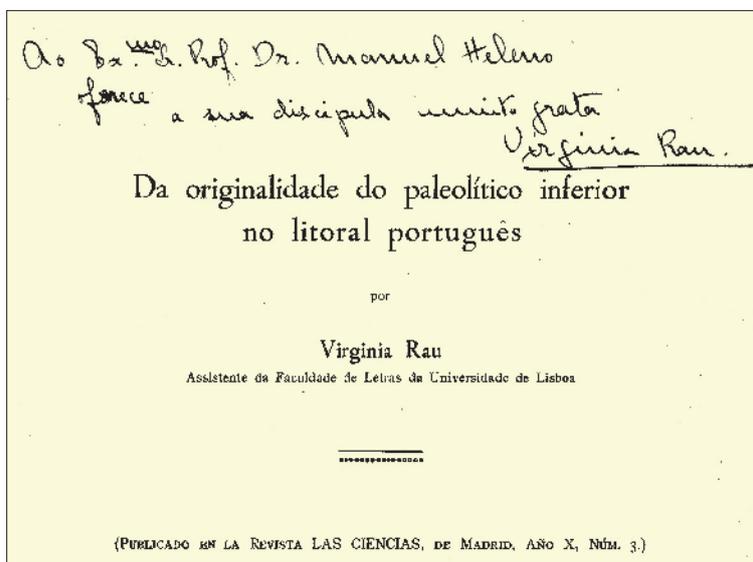


Fig. 15 – Dedicatória de Virgínia Rau a Manuel Heleno aposta em separata da comunicação apresentada ao Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências de 1944, realizado em Córdova (Arquivo de João Luís Cardoso).

¹⁰ Aliás, a esse mesmo congresso levará outra comunicação, no âmbito da História dos Descobrimentos (“uma tentativa de colonização da Serra Leão no século XVII”) e que seria igualmente publicada na revista “Las Ciencias”, mas já em 1946.

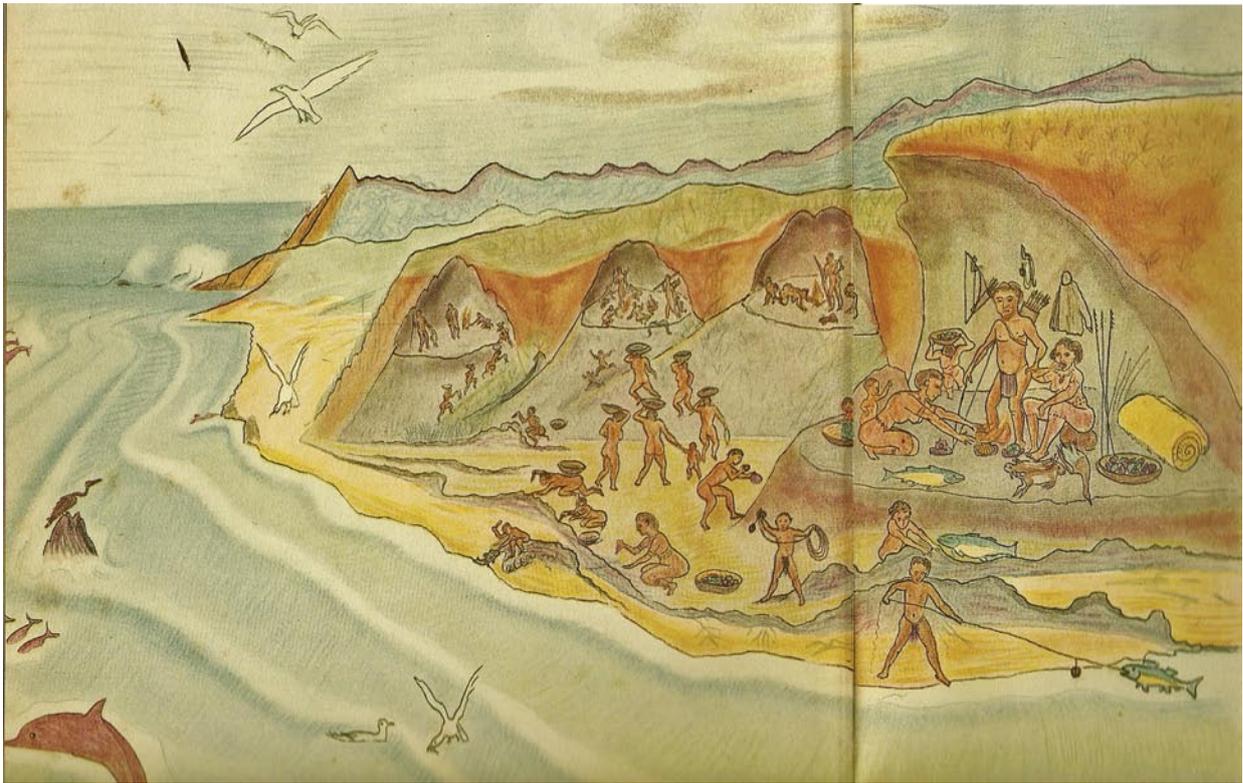


Fig. 16 – Recriação feita por H. Breuil dos mariscadores e pescadores paleolíticos responsáveis pelo talhe das indústrias de “estilo lusitano” encontradas nas praias elevadas do litoral da Estremadura (seg. BREUIL, 1949, p. 87) (Arquivo de João Luís Cardoso).

a situação relativamente à Pré-história e ao trabalho de campo. Esses foram os ensinamentos que recebeu em Portugal e que despertaram o seu entusiasmo e estudo, permitindo que se sentisse suficientemente segura para apresentar esta comunicação a congresso internacional (RAU, 1945), ainda que fundamentada exclusivamente nos trabalhos de campo e de gabinete de Breuil e Zbyszewski.

No mesmo ano de publicação daquele seu trabalho, apresentou, em co-autoria com Zbyszewski, Flaes e Mendes Leal, na revista “Ampurias” um artigo intitulado “Dos nuevos yacimientos paleolíticos del litoral portugués” (ZBYSZEWSKI et al., 1945/1946).

Esta nova publicação reporta-se a duas estações paleolíticas, situadas nos limites setentrional e meridional da área de maior distribuição de achados, conforme as publicações de Breuil e Zbyszewski, de 1942 e de 1945. A primeira das estações agora apresentadas, a de Forte do Cavalo, situa-se na extremidade poente da baía de Sesimbra, e resultou de recolhas nas quais todos os signatários participaram. Esta realidade mostra a apetência de V. Rau pelo trabalho de campo, em companhia de colegas e amigos; para além de G. Zbyszewski, que foi quem estudou os materiais e os fotografou para a referida publicação, entrevistaram M. Mendes Leal e R. Flaes, que, interessando-se por arqueologia – Flaes era cônsul da Holanda em Lisboa – estabeleceram contacto com G. Zbyszewski, criando assim um pequeno grupo de amadores devidamente enquadrados. Avultam as peças talhadas sobre pequenos seixos com rolamento marinho, integrando as indústrias de “fácies lusitano e microlusitano”. Já a segunda das estações publicadas situa-se a noroeste da Nazaré, perto do litoral, na extremidade setentrional do trecho de litoral prospectado por Zyszewski e Breuil. A matéria-prima aqui revela-se muito distinta, integrando grandes massas de sílex do Cretácico, transformadas em diversos arte-

factos, ao longo de sucessivas épocas do Paleolítico. Os autores destacam a particularidade de ter sido possível o talhe de grandes instrumentos de sílex. “el tipo de industria recogido es absolutamente nuevo en el país, tanto por el tamaño y morfología de sus piezas como por su estado físico” (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1945/1946). Tais peças encontravam-se expostas numa das vitrinas da sala de Arqueologia do Museu Geológico, antes das recentes remodelações por ela sofridas.

Entretanto, a sua carreira docente, como assistente, continua com assinalável sobrecarga, até por serem cadeiras diferentes áreas científicas, com todo o trabalho que isso acarreta – preparação de aulas, serviço de exames escritos e orais – como se depreende da correspondência que vai trocando com Manuel Heleno (Fig. 17). A 6 de Junho de 1945 escreveu a Manuel Heleno indicando-lhe que lhe enviava “[...] o apuramento do 2.º Exercício e 2.º Exame de Arqueologia, bem como o numero de faltas nas aulas práticas dos alunos ordinários e voluntários. Também remeto parte do apuramento do 2.º Exercício de Descobrimientos; tencionando enviar o que falta pelo correio até

AFHH/1511623/11.9/2
75. AV. DA REPUBLICA
LISBOA
6 de Junho de 1945
Ex. Sr. Prof. Dr. Manuel Heleno
Junto envio o apuramento do 2.º Exer-
cício e 2.º Exame de Arqueologia, bem
como o numero de faltas nas aulas prá-
ticas dos alunos ordinários e voluntários.
Também remeto parte do apuramento
do 2.º Exercício de Descobrimientos; tencionando enviar o que falta pelo correio até

ao fim desta semana. Enviarei a V. Ex.^{cia}
nessa ocasião os elementos que ainda
faltam para Monte Real.
Aguardo a próxima vinda a Lisboa de
V. Ex.^{cia} para ultimar a elaboração de
pautas e o restante serviço.
Com muitos cumprimentos
Creia na minha estima e consi-
deração de
Virginia Rau.

Fig. 17 – Cartão de Virgínia Rau a Manuel Heleno relativo a exames (Arquivo Pessoal de Manuel Heleno, Museu Nacional de Arqueologia).

do 2.º Exercício de Descobrimientos; tencionando enviar o que falta pelo correio até ao fim desta semana. Enviarei a V. Ex.^{cia} nessa ocasião os elementos que ainda faltam para Monte Real.guardo a próxima vinda a Lisboa de V. Ex.^{cia} para ultimar a elaboração de pautas e o restante serviço [...]” (RAU, 1945). A realidade de ser Virgínia Rau a assumir toda a carga relacionada com a avaliação dos alunos, extravasando assim a sua condição de assistente, é situação recorrente; a 27 de Janeiro de 1946 escreveu de novo a Manuel Heleno, prevenindo-o que “[...] os exercícios de Arqueologia e História dos Descobrimientos ficaram marcados, respectivamente, nos seguintes dias e horas: 16 de Fevereiro às 9 horas da manhã, 9 de Março às 14 horas. Houve já dificuldade em arranjar dias que satisfizessem os interesses de todos porque há bastantes exercícios marcados [...]” (RAU, 1946). Como se verifica, para além da leccionação e da correcção de provas de exame, todo o trabalho burocrático relativo à cadeira de Arqueologia (e não só) recaía sobre Virgínia Rau, sendo notório o pouco empenho de Manuel Heleno nestas tarefas, nem sequer de coordenação, como exigiria a sua condição de catedrático das referidas disciplinas.

No entanto, e apesar da sobrecarga de trabalho docente e administrativo que sobre si recaía, no dia 13 de Maio de 1946 a mesma entregou a sua tese de doutoramento, conforme se pode ler no seu Processo: “pela

2.^a Assistente desta Faculdade, Lic.^a D. Virginia Robertes Rau, foram entregues nesta Secretaria 30 (trinta) exemplares da sua dissertação com o título *Sesmarias Medievais Portuguesas, para exame de doutoramento*” (*Processo da Prof. Doutora Virginia Robertes Rau. Cx. 223, 2.º*).

No regresso de férias, a 22 de Setembro de 1946, numa longa carta a Manuel Heleno, Virginia Rau informa-o do seu estado de saúde, por certo em resultado da sobrecarga de trabalho até então verificada: “[...] *De regresso a Lisboa, terminadas as minhas férias, fui consultar o meu médico assistente conforme ele recomendara antes da minha partida. Depois de me examinar demoradamente, quando pensava ouvir uma opinião tranquilizadora, expoz-me o seu parecer desfavorável. Segundo ele, o meu estado de saúde não permite ainda que eu retome, simultaneamente, o serviço docente na Faculdade e a preparação intensiva para o doutoramento, tendo de optar por uma ou outra actividades nestes meses mais próximos. Como V. Ex.^{cia} pode bem calcular, fiquei muito arrelhiada mas, nesta contingência, não posso deixar de seguir o conselho do meu médico optando pela preparação para o acto de doutoramento. Vejo-me, assim, coagida contra a minha vontade, a pedir uma licença; no entanto, não o queria fazer sem prevenir V. Ex.^{cia} e o inteirar do que se passa. Calculo que, neste momento, a minha falta não prejudicará*

muito o bom funcionamento da Secção, o que atenua um pouco a tristeza que sinto [...]” (RAU, 1946). A saúde frágil – facto muitas vezes mencionado pela própria –, a preparação das provas de doutoramento e a licença sabática de Manuel Heleno nesse segundo semestre de 1946, à qual, embora com direito a usufruí-la, talvez moralmente não o devesse fazer, dada a sua constante ausência das suas obrigações docentes, terão de certeza ponderado na sua decisão.

Tal pausa permite-lhe adequada preparação para as provas públicas: no dia 4 de Fevereiro de 1947 Virginia Rau obtém o grau de Doutora em História com a classificação final de 18 valores e, de imediato, recusa a renovação do contrato como assistente “[...] *para se dedicar exclusivamente à investigação histórica [...]*” (RAU, 1968, p. 10), facto que viria a ser comentado na acta da sessão do Conselho Escolar de 26 de Fevereiro de 1947. Virginia Rau só regressaria à Faculdade de Letras e às funções docentes em Abril de 1952, na qualidade de Professora Extraordinária, como titular da cadeira de História de Portugal. A 6 de Dezembro de 1946 dera a sua última aula – teórica – de Arqueologia, ficando assim encerrado esse capítulo da sua carreira – o ensino da Pré-história na Faculdade de Letras de Lisboa.

Contudo, o seu interesse pela investigação no domínio da Pré-história e da Arqueologia não esmoreceu. Nos anos em que esteve afastada do ensino na Faculdade de Letras, entre 1947 e 1952, para se dedicar exclusivamente à investigação, Virginia Rau desenvolveu trabalho notável e publicou trabalhos de evidente importância e qualidade científicas. Seria de pensar que a Pré-história deixaria de ter lugar entre os seus temas de pesquisa, mas não foi esse o caso, pelo menos até 1949. Disso é prova o interessante e longo artigo de 25 páginas publicado em Itália, “*Les recherches et découvertes préhistoriques au Portugal à partir de 1940*” (Fig. 18) (RAU,

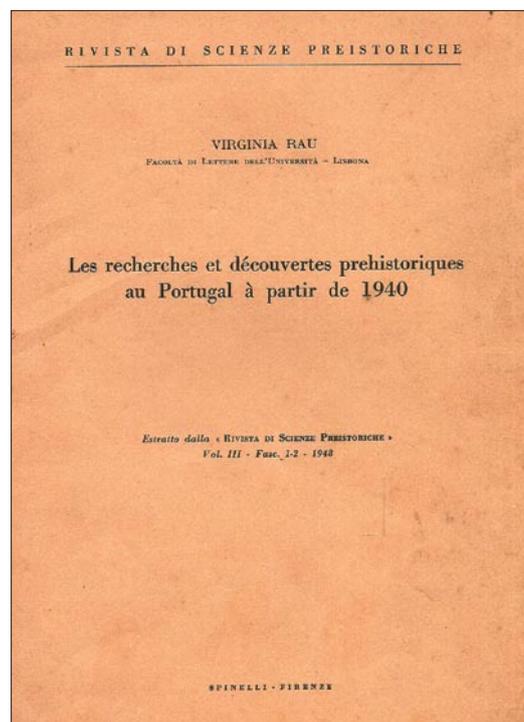


Fig. 18 – Capa da separata do artigo publicado na *Rivista di Scienze Preistoriche*, em 1948, respeitante a aprofundada síntese das investigações pré-históricas desenvolvidas em Portugal entre 1940 e aquela data (Arquivo de João Luís Cardoso).

1948), onde evidencia o seu domínio da bibliografia produzida sobre estações e materiais do território português, incluindo as então províncias ultramarinas, do Paleolítico Inferior à Idade do Ferro. Sobre tais leituras, sem dúvida exaustivas, teceu, por vezes, judiciosas considerações. É o caso, no que se refere ao Mesolítico, da estação do Forno da Telha, em Rio Maior, escavada por Manuel Heleno: “[...] *Forno da Telha est le premier gisement mésolithique connu au Portugal qui correspond à un lieu d’habitation, tous les autres gisements de cette époque sont des amoncellements de déchets divers contenant de très nombreuses sépultures vers la base de la masse des coquilles accumulées [...]*” (RAU, 1948, p. 75). Com efeito, tem-se discutido muito a forma como se processo a formação dos concheiros de Muge e as razões que presidiram a tal realidade, sendo V. Rau, na sequência de H. Breuil e G. Zbyszewski, que admitiram em 1947 que a respectiva população viveria nos arredores daquelas acumulações (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1947), a considerar claramente o seu carácter não-habitacional. Outra importante contribuição deste trabalho é a inventariação e a integração técnico-cultural, desde o Aurinhacense ao Madalenense, passando pelo Solutrense e pelo Perigordense das estações do Paleolítico Superior da região de Rio Maior, escavadas também por Manuel Heleno desde 1934, mas só por ele sumariamente referidas mais de vinte anos depois (HELENO, 1956 b). A sequenciação cultural pela primeira vez estabelecida por Virgínia Rau para as referidas estações só terá sido possível com a autorização de Manuel Heleno, legítimo detentor daquela informação, por certo recebida de Hugo Obermaier, na década de 1930 de Hugo Obermaier e de outros investigadores especialistas na matéria que passaram por Lisboa. A mesma muito terá por certo beneficiado da parte de Henri Breuil, no decurso de 1941/1942, o qual publicara em 1937 a segunda edição do seu célebre opúsculo dedicado a caracterizar a referida sequência (BREUIL, 1937).

Cerca de vinte anos mais tarde, no seu *Curriculum Vitae*, refere que “acompanhou os trabalhos ou mostrou algumas das principais estações arqueológicas dos arredores de Lisboa a diversos arqueólogos estrangeiros, como os Profs. H. Breuil, L. Péricot, M. Almagro, J. Martínez Santa-Olalla, Stuart Pigott, Jacquetta Hawkes e Jean Roche. E só os seus trabalhos de investigação histórica lhe impediram de tomar parte, durante o verão de 1949, num curso de aperfeiçoamento e técnica arqueológica realizado em Inglaterra e para que fora convidada” (RAU, 1968, p. 7).

É nessa última etapa da sua investigação em Pré-História e Arqueologia que se inserem as duas publicações preparadas no âmbito do XVI Congresso Internacional de Geografia que se realizou em Lisboa em 1949: “La Toponymie et le peuplement du Portugal aux temps préhistoriques” (RAU, 1952) e “Estremadura et Ribatejo (Livret-guide de L’Excursion D)”, mais uma vez em colaboração com G. Zbyszewski (Fig. 19) (RAU & ZBYSZEWSKI, 1949). A primeira publicação destinou-se, essencialmente, a sublinhar que as concentrações de determinados topónimos na actualidade relacionados com a Arqueologia, critério utilizado por Leite de Vasconcelos no que respeita aos topónimos relacionados com a palavra dólmen (VASCONCELOS, 1912),

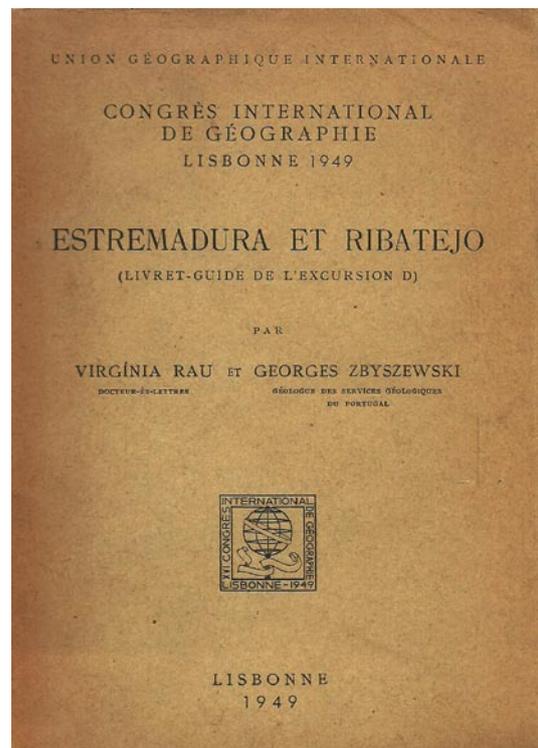


Fig. 19 – Capa do Livro-Guia da Excursão à Estremadura e Ribatejo organizada pelos autores no âmbito do Congresso Internacional de Geografia reunido em Lisboa em 1949. (Arquivo de João Luís Cardoso).



Fig. 20 – Georges Zbyszewski, na altura em que colaborou activamente com Virgínia Rau, no decurso da década de 1940 (Cortesia do Dr. João Paulo Zbyszewski).

não exprime a concentração real desses monumentos, mas apenas a concentração actual da população pelo território: quanto maior for tal concentração, maior o número de topónimos. V. Rau demonstrou essa evidência recorrendo ao topónimo Fonte e seus correlativos. Já no livro-guia da Excursão “Estremadura et Ribatejo”, é a componente histórico-geográfica da formação de V. Rau que sobressai, complementando de forma harmoniosa as informações de carácter geológico devidas a G. Zbyszewski.

Com efeito, a excelente relação pessoal e científica estabelecida com o geólogo e arqueólogo francês, com início logo em 1942, quando com ele estabeleceu conhecimento através de H. Breuil (Fig. 20) está plasmada pelas expressivas dedicatórias apostas nos seus mais importantes trabalhos (Fig. 21, 22, 23).

3 - EPÍLOGO

Virgínia Rau descobriu de forma circunstancial a Arqueologia, pela qual de imediato se entusiasmou, em 1942, quando foi aluna de Henri Breuil, a ponto de ter produzido vários trabalhos dedicados ao Paleolítico Inferior e Médio do litoral do território português, em co-autoria com o seu amigo Georges Zbyszewski. Com efeito, a falta de receptividade de Manuel Heleno, para apoiar a vontade de V. Rau em prosseguir com ele as suas investigações, a começar pela simples visita aos trabalhos de escavação que então dirigia, diz tudo sobre o desinteresse de Heleno na formação de discípulos competentes – como seria seguramente o caso de Virgínia Rau – naquela área científica, impedindo-a assim de encarar a possibilidade de uma carreira como arqueóloga.

Não obstante, Virgínia Rau conhecia bem o meio arqueológico nacional e internacional e a sua ligação à Pré-história, que se prolongou durante quase uma década, não era por si encarada como devaneio diletante. A Arqueologia e o estudo da Pré-história foram a grande novidade na sua formação científica, ao voltar a Portugal e à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1939. Com efeito, a componente científica e metodológica, necessária à investigação em História Medieval, já ela dominava com mestria aquando do seu regresso. O encanto experimentado por V. Rau, em 1942, teve resultados consequentes. Disso é prova a sua participação como

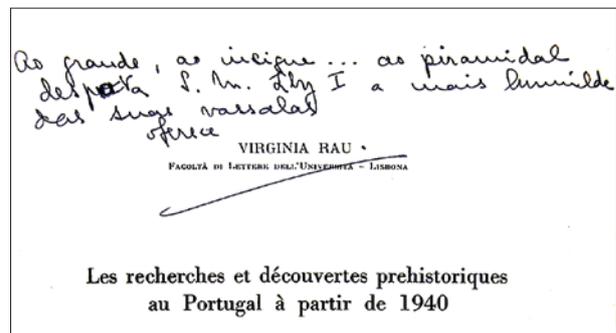
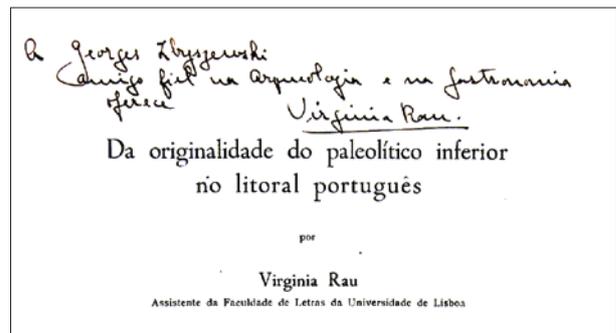


Fig. 21 – Dedicatórias de Virgínia Rau a G. Zbyszewski (Cortesia do Dr. João Paulo Zbyszewski).

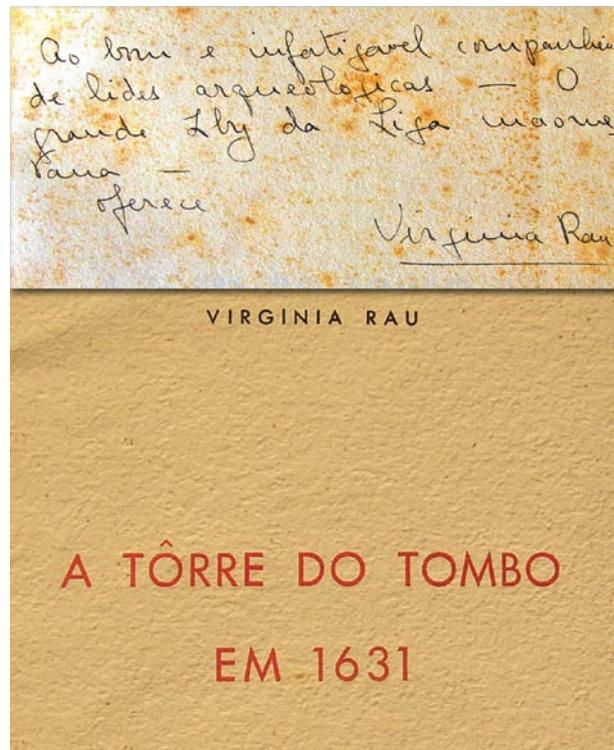
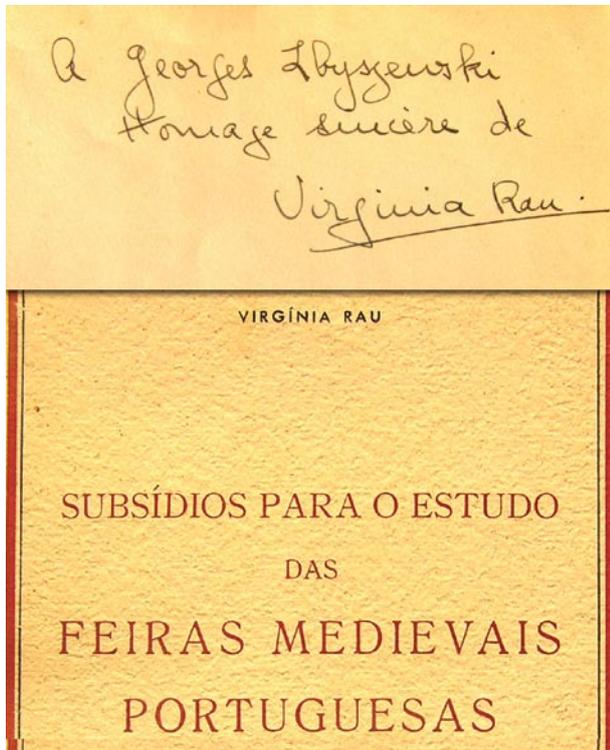
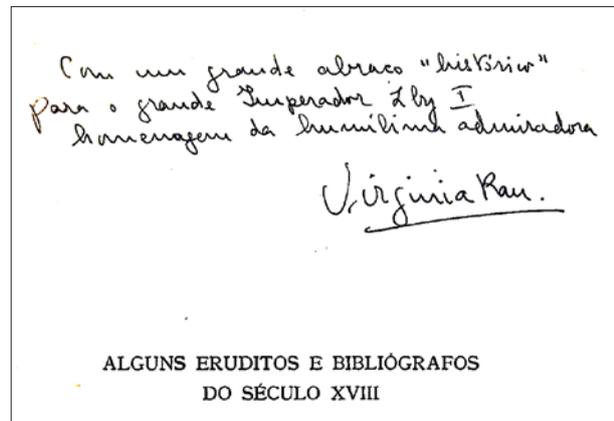
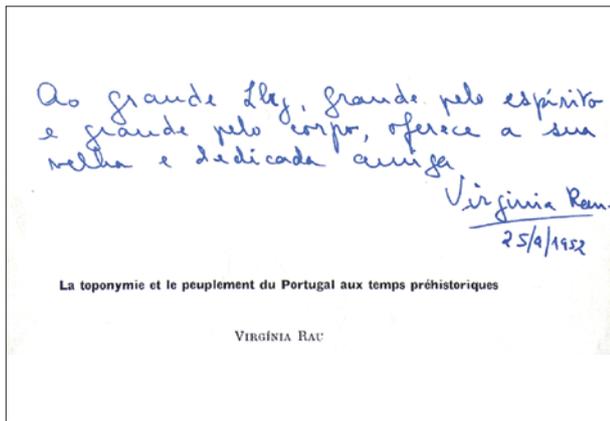


Fig. 22 – Dedicatórias de Virgínia Rau a G. Zbyszewski (Cortesia do Dr. João Paulo Zbyszewski).

Fig. 23 – Dedicatórias de Virgínia Rau a G. Zbyszewski (Cortesia do Dr. João Paulo Zbyszewski).

membro de algumas sociedades e associações científicas conotadas com a Arqueologia, como o Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, a Associação dos Arqueólogos Portugueses, a Société Préhistorique Française e a Sociedade Geológica de Portugal.

O ano de 1950 parece marcar o “fim” da sua relação com a Pré-história, em termos de investigação. O que a impediu de continuar? A falta de apoio, de orientação científica no trabalho de campo serão razões plausíveis, como o seu próprio pragmatismo em querer construir uma carreira científica sólida e com reconhecimento internacional, o que não teria sucedido se tivesse optado pela Pré-história e, particularmente, pelo estudo do Paleolítico, objecto do seu fascínio em 1942. É nesse ano de 1950 que rumou aos Estados Unidos da América,

para, na Universidade de Berkeley, Califórnia, iniciar um percurso absolutamente ímpar. É de São Francisco que, em 22 de Agosto, escreve carta a Manuel Heleno (Fig. 24), em que lhe diz, entre entusiasmada e emocionada, que “[...] *é com o maior prazer que envio a V. Ex.^a estas poucas linhas escritas da Universidade da Califórnia onde, pela primeira vez, uma voz portuguesa ensina História de Portugal. Infelizmente, não é a mais classificada no nosso país para o fazer, mas espera que o seu entusiasmo e dedicação supram todas as possíveis insuficiências. As possibilidades de estudo e investigação, aqui, são praticamente imensas; e a biblioteca central possui mais de 3.000.000 de livros. O interesse pelos estudos arqueológicos é tão grande que ultrapassa, por vezes, o da História. Museus magníficos e laboratórios apetrechados com tudo que há de mais moderno [...]*” (RAU, 1950). Mesmo longe e noutra linha de investigação, a referência à Arqueologia permanecia...

Foi necessário decorrer meio século para que, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, fosse ali defendida a primeira tese de doutoramento em Paleolítico, por outro Português que, significativamente, encontrou, uma vez mais, no estrangeiro, o seu local habitual de trabalho, de estudo e reflexão.¹¹

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. João Paulo Zbyszewski pela cedência de documentação inédita, reproduzida no presente trabalho. Ao Instituto Arqueológico Alemão/Delegação de Madrid, na pessoa da sua Directora, Prof.^a Doutora Dirce Marzoli, pela autorização de reprodução de foto do seu arquivo. Ao Dr. António Carvalho, Director do Museu Nacional de Arqueologia pela autorização concedida no acesso e reprodução da correspondência remetida pela Prof.^a Doutora Virgínia Rau ao Prof. Doutor Manuel Heleno. À Academia Portuguesa da História, pela

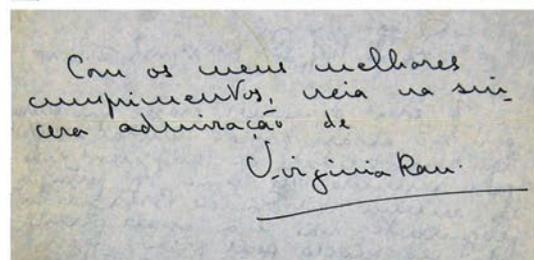
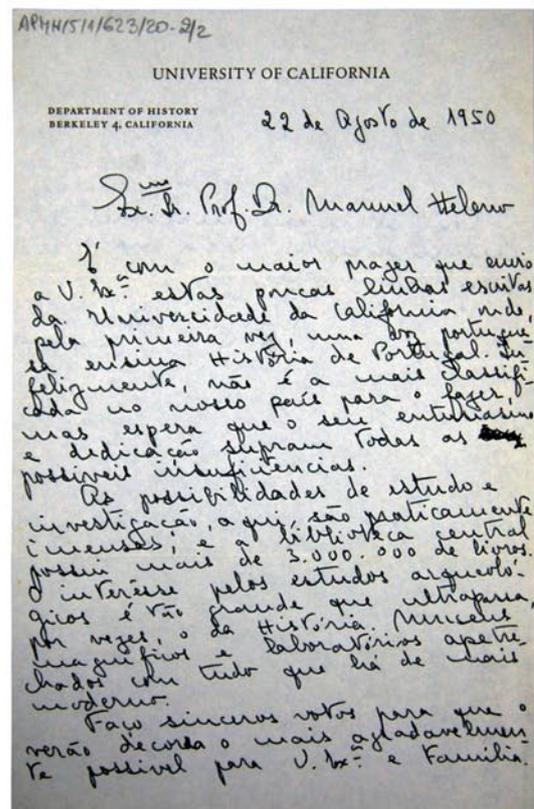
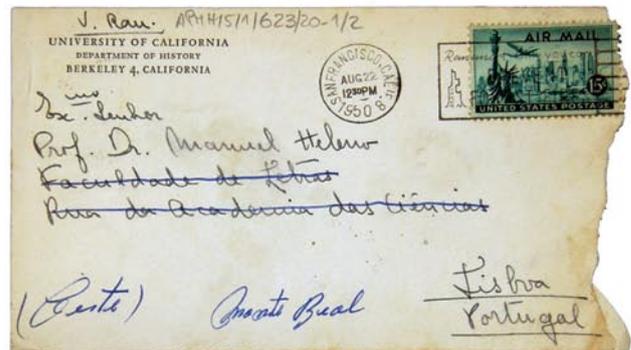


Fig. 24 – Carta de Virgínia Rau a Manuel Heleno, remetida da Universidade de Berkeley, Califórnia (Arquivo Pessoal de Manuel Heleno, Museu Nacional de Arqueologia).

¹¹ João Zilhão, “O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa” defendida na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1995 e publicada em 1997.

autorização do acesso ao processo Individual da Prof.^a Doutora Virgínia Rau e reprodução de algumas das peças que o compõem; Ao Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Prof. Doutor Paulo Farmhouse Alberto, pela autorização concedida para a consulta e reprodução de alguns documentos do Processo da Prof. Doutora Virgínia Rau, no Arquivo da Secção da Pessoal da referida Faculdade, bem como das fichas de sumário da cadeira de Arqueologia, acessíveis no Arquivo Histórico da Faculdade de Letras. A nossa pesquisa teria sido muito penosa se não fosse a constante disponibilidade e apoio do Dr. Nuno Cavalheiro, responsável pela Secção de Pessoal da FLUL, e do Dr. Pedro Estácio, responsável pelo Arquivo Histórico daquela Faculdade.

REFERÊNCIAS

- BRAUDEL, F. –]Carta] 1971 Nov. 12, Paris]a] Virginia Rau]Dactilografado]. 1950. Acessível no Arquivo do Serviço de Pessoal da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- BREUIL, H. (1937) – Les subdivisions du Paléolithique Supérieur et leur signification. Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. *Compte-rendu de la XIV Session (Genève, 1912)*. 2.^a edição. Lagny: Imprimerie de Lagny.
- BREUIL, H. (1949) – *Beyond the bounds of History*. Scenes from the Old Stone Age. London: Gawthorn, Ltd.
- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1942) – *Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. Les principaux gisements des deux rives de l'ancien estuaire du Tage*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, 23).
- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1945) – *Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. Les principaux gisements des plages quaternaires du littoral d'Estremadura et des terrasses fluviales de la basse vallée du Tage*. (Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, 26).
- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1947) – Révision des industries mésolithiques de Muge et de Magos. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 28, p. 149-196.
- CAETANO, M. – *Proposta para a admissão de D. Virgínia Rau como académico correspondente*]Dactilografado]. 1952. Acessível no Arquivo Histórico da Academia Portuguesa da História.
- CARDOSO, J. L. (2013) – O Professor de Arqueologia e de Pré-história. In CARDOSO, J. L. (ed.) – *Manuel Heleno, pioneiro do ensino e da investigação arqueológica em Portugal*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 17-28 (Suplemento n.º 8 a *O Arqueólogo Português*).
- EVANS, L. –]Carta] 1950 Nov. 27, Washington, D. C.]a] Virginia Rau]Dactilografado]. 1950. Acessível no Arquivo Histórico da Academia Portuguesa da História.
- FLAES, R. & ZBYSZEWSKI, G. (1945/1946) – Hallazgo de un yacimiento paleolítico en la Extremadura portuguesa, entre Caldas de Rainha y Foz do Arelho. *Ampurias*. Barcelona. 7/8, p. 37-44.
- GARCIA, J. M., pref. (1981) – Virgínia Rau – vida e obra. In RAU, V. – *Feiras Medievais Portuguesas. Subsídios para o seu estudo*. Lisboa: Editorial Presença.
- HELENO, M. – *Caderno de campo n.º 22*]Manuscrito]. 1942. Acessível no Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal. Arquivo Pessoal de Manuel Heleno.

- HELENO, M. (1956 a) – O Professor Henri Breuil. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série II, 3, p. 239-246.
- HELENO, M. (1956 b) – Um quarto de século de investigação arqueológica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série II, 3, p. 221-237.
- Livro de actas das sessões do Conselho da Faculdade de Letras. Tomo 7* [Manuscrito]. 1939-1947. Acessível no Arquivo Histórico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- PEREIRA, I. R. (1979) – *Elogio da Prof. Doutora Virgínia Rau*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.
- Processo da Prof. Doutora Virgínia Robertes Rau*. 1943-1973. Cx. 223, 1.º, 2.º. Acessível no Arquivo do Serviço de Pessoal da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- RAU, V. – [Carta] 1942 Setembro 1, S. Martinho do Porto [a] Manuel Heleno [Manuscrito]. 1942. Acessível no Arquivo Histórico da Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. Arquivo Manuel Heleno.
- RAU, V. – [Carta] 1942 Outubro 30, Lisboa [a] Manuel Heleno [Manuscrito]. 1942. Acessível no Arquivo Histórico da Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. Arquivo Manuel Heleno.
- RAU, V. – [Carta] 1943 Agosto 17, S. Martinho do Porto [a] Manuel Heleno [Manuscrito]. 1943. Acessível no Arquivo Histórico da Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. Arquivo Manuel Heleno.
- RAU, V. – [Carta] 1944 Agosto 23, S. Martinho do Porto [a] Manuel Heleno [Manuscrito]. 1944. Acessível no Arquivo Histórico da Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. Arquivo Manuel Heleno.
- RAU, V. – *Cadeira de Arqueologia. Sumário da Lição do dia...* [Manuscrito]. 1944. Acessível no Arquivo do Serviço de Pessoal, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- RAU, V. – [Carta] 1945 Junho 6, Lisboa [a] Manuel Heleno [Manuscrito]. 1945. Acessível no Arquivo Histórico da Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. Arquivo Manuel Heleno.
- RAU, V. – *Cadeira de Arqueologia. Sumário da Lição do dia...* [Manuscrito]. 1945. Acessível no Arquivo do Serviço de Pessoal, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- RAU, V. (1945) – Da originalidade do Paleolítico Inferior no Litoral Português. *Las Ciencias*. Madrid. X, 3, p. 3-12 + 2 est.
- RAU, V. – [Carta] 1946 Janeiro 27, Lisboa [a] Manuel Heleno [Manuscrito]. 1946. Acessível no Arquivo Histórico da Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. Arquivo Manuel Heleno.
- RAU, V. – [Carta] 1946 Setembro 22, Lisboa [a] Manuel Heleno [Manuscrito]. 1946. Acessível no Arquivo Histórico da Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. Arquivo Manuel Heleno.
- RAU, V. – *Cadeira de Arqueologia. Sumário da Lição do dia...* [Manuscrito]. 1946. Acessível no Arquivo do Serviço de Pessoal, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- RAU, V. (1948) – Les Recherches et Découvertes Pré-Historiques au Portugal à partir de 1940. *Rivista di Scienze Preistoriche*. Florença. III: 1-2, p. 58-83.
- RAU, V. – [Carta] 1950 Agosto 22, Berkely, California [a] Manuel Heleno [Manuscrito]. 1950. Acessível no Arquivo Histórico da Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. Arquivo Manuel Heleno.
- RAU, V. (1952) – La Toponymie et le peuplement du Portugal aux temps préhistoriques. In *Comptes Rendues du Congrès International de Géographie de Lisbonne, 1949*. Lisbonne: Union Géographique Internationale. Vol, IV, p. 213-217.

- RAU, V. (1953) – *Raízes Antigas da Nacionalidade*, in “Independência”, Lisboa, anos XI-XIII, n.ºs, 11-13, Dezembro 1953, pp. 67-69.
- RAU, V. (1965) – Apresentação. *Do Tempo e da História*. Lisboa. I, p. 3-4. Páginas não numeradas.
- RAU, V. – *Curriculum Vitae* [Dactilografado]. 1968. Acessível no Arquivo do Serviço de Pessoal, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- RAU, V.; ZBYSZEWSKI, G. (1946) – Dos Nuevos yacimientos paleolíticos del litoral portugués. *Ampurias*. Barcelona. VII-VIII, p. 23-26 + 7 est.
- RAU, V.; ZBYSZEWSKI, G. (1949) – *Estremadura et Ribatejo (Livret-guide de L'Excursion D)*. *Congrès International de Géographie de Lisbonne, 1949*. Lisboa: 146 p. + 15 est. + 10 mapas.
- ZBYSZEWSKI, G.; FLAES, R.; LEAL, M. M. & RAU, V. (1945-1946) – Dos nuevos yacimientos paleolíticos del litoral portugués. *Ampurias*. Barcelona. 7/8, p. 23-36.